

Revista do

out-dez 2017

Ancião

Recursos para Líderes de Igreja



Exemplar Avulso: R\$ 8,75. Assinatura: R\$ 27,80



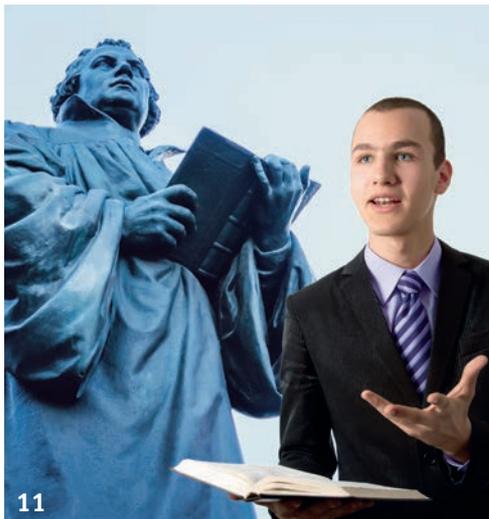
Sola Scriptura e o ancião





Aquisição da Revista do Anciã
O ancião que deseja adquirir esta revista deve falar com o pastor de sua igreja ou com o ministerial do Campo.

- 3 Editorial**
Reformadores modernos
- 4 Visão missionária**
Senso de missão
- 8 *Sola Scriptura* e o ancião**
Princípio permanente
- 11 Lições de Martinho Lutero**
500 anos depois
- 14 Necessidades fundamentais**
Investimento seguro
- 17 Esboços de Sermões**
Amplie os esboços com comentários e ilustrações
- 22 A família e a vitória final**
Aguardando com expectativa
- 24 Mentores das novas gerações**
A visão da liderança eficaz
- 27 Dedicção de criança**
Fatores importantes nessa cerimônia
- 28 Alcançando as famílias**
Visão evangelística global
- 30 O cultivo da voz e a dicção do pregador**
Boas dicas de comunicação
- 32 A vidente de En-Dor**
Compreendendo textos difíceis
- 35 Recursos**
Para seu crescimento cultural e espiritual



CALENDÁRIO

Data	Evento
Outubro Sábado 21	Dia do Pastor e das Vocações Ministeriais
Novembro Sábados 18 e 25	Evangelismo Público de Colheita
Dezembro Sábado 16	Programa "Mutirão de Natal"

Uma publicação da
Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 17 – Nº 68 – Out-Dez 2017
Revista Trimestral – ISSN 2236-708X

Editor

Nerivan Silva

Editor Associado

Márcio Nastrini

Assistente de Editoria

Edna Vieira

Projeto Gráfico

Vandir Dorta Jr.

Programação Visual

André Rodrigues

Imagem da Capa

© Tech_studio e Valery Egorov | Fotolia

Colaboradores Especiais

Carlos Hein e Lucas Alves Bezerra

Colaboradores

Edilson Valiante; Jair Gois; Cicero Gama;
Raidles Nascimento; Jadsom Rocha;
Arido Souza; Mitchel Urbano; Geraldo
Magela; Iván Samojluk; Efrain Choque;
Luis Velásquez; Cornelio Chinchay;
Tito Valenzuela; Alberto Peña;
Rubén Montero; Evanildo Ramos.

Diretor-Geral

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro

Uilson Garcia

Redator-Chefe

Marcos De Benedicto

Visite o nosso site

www.cpb.com.br

Serviço de Atendimento

ao Cliente

sac@cpb.com.br

Revista do Ancião na Internet

www.dsa.org.br/anciao

Artigos e correspondências para a *Revista do Ancião* devem ser enviados para:

Caixa Postal 2600; 70279-970, Brasília, DF
ou e-mails:

ministerial.dsa@adventistas.org /revista.anciao@cpb.com.br**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA**

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Rodovia Estadual SP 127, km 106

Caixa Postal 34; 18270-970, Tatui, SP

Tiragem: 48.000 exemplares

Exemplar Avulso: R\$ 8,75

Assinatura: R\$ 27,80



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou
parcial, por qualquer meio, sem
prévia autorização escrita do
autor e da Editora.

Reformadores modernos

A era medieval foi uma das fases mais tristes da história da igreja cristã. Nessa fase, a religião se tornou um fardo quase insuportável para as pessoas. Dogmas e tradições contrários à Bíblia caracterizavam a religião, mergulhando as pessoas nas mais densas trevas espirituais.

“Foi quando esta luta estava no auge que um protesto contra um abuso eclesialógico, feito em 31 de outubro de 1517, e de modo nada usual ou maneira espetacular, por um monge professor de recentemente fundada e relativamente obscura universidade alemã, alcançou imediata resposta e provocou a maior revolução na história da igreja cristã” (W. Walker, *História da Igreja Cristã*, v. 2, p. 9).

Esse monge foi Martinho Lutero. Prezando pelas verdades da Bíblia, ele foi de encontro às tradições e distorções teológicas predominantes em sua época. Sobre ele, Ellen G. White escreveu: “Destacado entre os que foram chamados para dirigir a igreja das trevas do papado à luz de uma fé mais pura, acha-se Martinho Lutero. Zeloso, ardente e dedicado, não conhecendo outro temor senão o de Deus, e não reconhecendo outro fundamento para a fé religiosa além das Escrituras, Lutero foi o homem para o seu tempo; por meio dele Deus efetuou uma grande obra para a reforma da igreja e esclarecimento do mundo” (*O Grande Conflito*, p. 120).

Foi quando ele pregou as 95 teses na porta do castelo de Wittenberg, Alemanha, há quinhentos anos, que teve início um dos maiores movimentos reformadores da história.

Prezado ancião, vivemos em tempos significativos na história mundial. Paulo escreveu: “Já é hora de vos despertardes do sono” (Rm 13:11). Você também foi chamado para ser um reformador nos tempos modernos. É bom lembrar que uma reforma genuína começa na esfera individual. Sem dúvida, todos nós temos o que mudar em nossa vida. Para isso, Deus nos concede Sua graça e poder (Ef 2:10; Cl 3:1-4). Por outro lado, como líder espiritual, você tem a responsabilidade que lhe foi dada por Deus para cuidar de sua igreja. A reforma que começa na esfera individual e familiar se estende para a esfera coletiva, isto é, a igreja. Com equilíbrio, bom senso, sabedoria, tato, amor e misericórdia, você poderá ser instrumento nas mãos de Deus para levar a igreja a ter uma experiência de reavivamento e reforma.

Lembre-se de que “a maior necessidade do mundo é a de homens – homens que se não comprem nem se vendam; homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos; homens que não temam chamar o pecado pelo nome exato; homens, cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao polo; homens que permaneçam firmes pelo que é reto, ainda que caiam os céus” (Ellen G. White, *Educação*, p. 57).

Nestes tempos modernos, Deus espera que você seja um reformador: primeiro em sua vida e depois em sua igreja. ■

Uma reforma genuína começa na esfera individual

Nerivan Silva

Editor



William de Moraes

DR. PAULO DIAS DE ALECRIM



Cedido pelo entrevistado

Visão missionária

Paulo Dias de Alecrim é nascido em Pires do Rio, GO. Sua formação acadêmica é em Engenharia Elétrica com doutorado em Automação Industrial pela Universidade Federal de Lavras, MG (UFLA). Atua como docente no curso de Engenharia Elétrica do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). Desde 2008, o Prof. Paulo, com sua família, reside na cidade de Formiga, MG, onde atua como ancião. Ele é casado com Ivane Maria da Fonseca Alecrim. O casal tem dois filhos: Ericssen Dias da Fonseca Alecrim e Evelyn da Fonseca Alecrim. Como ancião de igreja, o Prof. Paulo tem grande apreciação por projetos missionários, especialmente o plantio de igrejas em cidades que não têm a presença adventista. Foi nesse contexto que ele nos concedeu esta entrevista.

Ancião: *Que projetos missionários sua igreja tem desenvolvido?*

Paulo Alecrim: Atualmente a Igreja tem se envolvido em alguns projetos (Pequenos Grupos, evangelismo de Semana Santa, Feiras de Saúde). Mas o projeto principal é o plantio de igrejas, que no momento é o maior foco evangelístico da igreja.

Como tem sido o envolvimento dos jovens de sua igreja nesses projetos missionários?

Os jovens estão envolvidos no ministério de visitação a interessados, no programa Reencontro e principalmente no plantio de igrejas. Essa participação é fruto da formação de um Pequeno Grupo para o estudo do livro *Mensagens aos Jovens* de Ellen G. White. Du-

rante as reuniões de estudo os jovens tiveram consciência mais clara de seu dever missionário na igreja.

Destaque brevemente uma experiência de seu plantio de igrejas.

Atualmente, estamos no projeto de plantio de igrejas na cidade de Pains, MG, cerca de 35 km da cidade em que moramos. Foi lançado o desafio para o nosso pequeno grupo formado pela unidade evangelizadora dos jovens para começarmos ali um ponto de pregação. Após três meses de reuniões acompanhadas de estudos bíblicos, uma pessoa foi batizada e outras duas já se decidiram pelo batismo, sendo uma delas telespectadora da TV Novo Tempo. Trata-se de uma localidade sem presença adventista. Das igrejas estabelecidas,

“hão de sair os homens que devem levar a verdade a outros, e levantar novas igrejas” (Ellen G. White, *Serviço Cristão*, p. 61). Acreditamos estar no caminho certo ao aplicarmos esse mecanismo de evangelização.

De que forma o ancião pode ajudar a formar uma nova geração de líderes para a igreja?

É importante ressaltar que muitos membros da igreja se espelham em seus líderes locais (anciãos e pastores). Por isso, exemplo de espiritualidade e serviço por parte dos mesmos é necessário. O envolvimento em atividades como visitação, feiras de saúde, grupos de estudos e treinamentos ministeriais contribui significativamente para a formação de líderes, além de promover os projetos evangelísticos. Uma liderança com esse perfil será admirada e respeitada pelos membros da igreja e será uma inspiração para novos líderes.

Nesse processo de formação, como o ancionato de sua igreja lida com os mais jovens?

Entendemos que os jovens são a nova geração de líderes da igreja. É imprescindível o envolvimento deles em todos os projetos e atividades da igreja. Estamos cientes de que eles não são o futuro, mas o presente da igreja. Quando delegamos responsabilidades aos jovens, eles nos surpreendem com bons resultados. É importante que eles façam parte da liderança. Em nossa igreja temos um ancião jovem que tem desempenhado muito bem essa função e é bem aceito pela igreja.

Que estratégias sua igreja tem usado para evangelizar uma cidade sem a presença adventista e quais têm sido os desafios?

A igreja tem usado vários meios: curso “Como deixar de fumar”; peque-

“O envolvimento em atividades missionárias contribui significativamente para a formação de líderes”

nos grupos nos lares de interessados; distribuição do livro missionário (Impacto Esperança) e outras literaturas; visitação aos telespectadores da TV Novo Tempo; Feiras de Saúde; Projeto Calebe. Este último tem sido uma boa estratégia para a evangelização e plantio de igrejas. Por meio dessas estratégias, pessoas têm tomado decisões pelo batismo. Um dos maiores desafios encontrados nesta região é a presença maciça da Igreja Católica. Pessoas católicas, muitas vezes, têm sido proibidas de participarem de estudos bíblicos ministrados por nossa igreja.

Ao longo deste ano, qual foi o envolvimento dos ministérios de sua igreja (música, Escola Sabatina, ASA e outros) nos projetos missionários?

A direção da Escola Sabatina tem promovido a ideia de transformar cada unidade evangelizadora em um pequeno grupo. O Ministério da Criança tem realizado cultos para bebês em casas de parentes não adventistas de membros da igreja. Alguns deles ainda não frequentam a igreja. Uma vez por semana, o Ministério da Mulher realiza cultos na casa de interessados e enfermos, bem como visitas a asilos e hospitais. Com respeito à assistência material, a ASA apoia o projeto Calebe por meio de arrecadação de alimentos que, de forma

contínua, são distribuídos para pessoas carentes. Mas acima de tudo está o alimento espiritual.

Como docente universitário, de que maneira você concilia a vida familiar e suas atividades como ancião?

Em geral, os engenheiros são metódicos, e eu não sou um ponto fora da curva. Dessa forma, minha vida pode ser dividida em três principais dimensões: vida acadêmica, vida familiar e o ministério do ancionato. Procuo ser eficiente em todas, mas como docente, tenho a responsabilidade de representar o amor de Cristo pelas pessoas por meio do meu testemunho e ações evangelísticas inovadoras. Sou consciente dessa responsabilidade que pesa sobre meus ombros e serei cobrado por essa missão. A seguinte declaração de Ellen G. White muito me inspira: “Cabe a vocês representar Cristo perante o mundo” (*Mensagens aos Jovens*, p. 348). Quanto ao meu convívio com minha família, também sou criterioso em relação aos cultos, orações individuais e em grupo, estudos bíblicos, etc. Como ancião por cerca de três décadas, sempre tive a preocupação pelo reavivamento da igreja e sua atuação missionária e, evidentemente, envolvendo a esposa e os filhos nos ministérios da igreja, a convivência familiar se torna uma bênção para a igreja e o ministério do ancionato.

O discipulado envolve o desenvolvimento de pessoas na vida cristã. Qual tem sido a visão de sua igreja sobre esse assunto?

Manter uma igreja ativa e atuante tem sido a preocupação da liderança da igreja que frequento. Não tenho dúvidas de que, se formos membros atuantes, o desenvolvimento da vida cristã será consequência. Como escreveu Ellen G. White, “a igreja que trabalha é



igreja viva” (*Serviço Cristão*, p. 73). Creio que com o envolvimento da igreja em projetos missionários, os membros estão desempenhando o discipulado no cumprimento da missão que Cristo nos confiou.

No contexto missionário da igreja, como você vê a questão do reavivamento e reforma?

É impossível alguém dar algo que não tem. Para sermos missionários, devemos primeiro nos assentar aos pés de Cristo, como fez Maria (ver Lc 10:39), para aprendermos com Ele. O verdadeiro reavivamento começa em nosso interior por meio do estudo devocional da Bíblia e também da oração. Consequentemente, por meio desse relacionamento com Deus, a reforma acontecerá nos lares e na igreja. Por outro lado, não podemos fechar nossos ouvidos à ordem de Cristo: “Ide e pregai”. Não podemos esperar uma reforma total da igreja para começarmos a agir. Para cumprir a missão, devemos agir imediatamente.

Como tem sido a motivação dos membros de sua igreja para se envolver na prática da comunhão, do relacionamento e da missão?

O projeto “Dez Dias de Oração e Dez Horas de Jejum” tem incentivado os membros à prática da oração e da comunhão na primeira hora do dia. Em nossa igreja, há vários grupos de irmãos que adotaram o costume de se reunir a cada manhã para orar e estudar, de forma reflexiva, as mensagens do Espírito de Profecia. O projeto “Reavivados por Sua Palavra” foi amplamente divulgado e praticado. Os projetos missionários em questão têm despertado diversos irmãos “inativos” da igreja.

Em quais atividades missionárias sua igreja tem maior envolvimento?

Como já foi mencionado, várias atividades missionárias têm marcado o cumprimento da missão pela nossa igreja. No entanto, os pequenos grupos de estudos bíblicos que se reúnem nos lares de pessoas não adventistas, os grupos de visitação aos membros ausentes e a realização de cultos nos lares de pessoas interessadas que visitam nossa igreja têm um destaque especial.

O que sua igreja tem feito para conter o índice de afastamento de membros?

A Escola Sabatina desenvolveu um projeto de visitação aos membros fal-

tosos e também de incentivo ao estudo da Lição. O Ministério de Publicações da igreja tem promovido a assinatura da Lição para todos os membros, incluindo também aqueles que não têm condições financeiras para adquiri-la. Com frequência, o Ministério de Lar e Família realiza Encontro de Casais para o fortalecimento do matrimônio. O Ministério da Mulher tem realizado cultos semanais nos lares, objetivando fortalecer a fé dos membros da igreja. O Ministério de Mordomia tem realizado cultos de reavivamento espiritual nas igrejas e grupos do distrito pastoral.

Quais são os projetos missionários de sua igreja para o próximo ano?

O Plantio de Igrejas em cidades sem a presença adventista é o nosso projeto-líder. Ele é contínuo. Atrelado a ele vêm os demais: Feiras de Saúde, divulgação da TV Novo Tempo e a continuidade dos Pequenos Grupos.

Em sua opinião, quais são os maiores desafios da IASD hoje?

A chamada “pós-modernidade” tem trazido grandes desafios para a Igreja. Vivemos num mundo relativista em que a religião é objeto de sérios questionamentos. Em um mundo assim, com tantos “atrativos”, tornar o evangelho algo relevante para os jovens é uma tarefa difícil. Enquanto o mundo perde sua identidade em vários aspectos, o desafio da igreja é manter seus princípios imutáveis, fundamentados na Palavra de Deus. Como líderes, não devemos permitir que os “ismos” seculares influenciem a igreja. No entanto, novas estratégias evangelísticas devem ser buscadas. Afinal, temos que alcançar as pessoas no lugar em que se encontram. Fazer a diferença entre princípios, costumes e tradições, e ao mesmo tempo se modernizar para ser relevante às pessoas, creio que sejam estes os maiores desafios para a igreja em nossos dias. ■

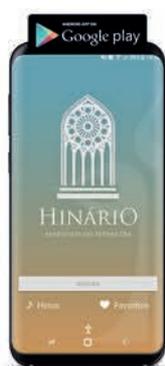
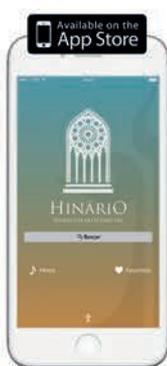
Experimente os Aplicativos da CPB



CPB Books

O leitor de livros digitais da Casa Publicadora Brasileira

- Ferramenta de busca de títulos
- Organização dos títulos por categorias
- Leitura em modo retrato e paisagem
- Recurso para trocar fontes



HASD

Aplicativo do *Hinário Adventista do Sétimo Dia*

- Busca de hinos por títulos ou números
- *Playlist* de favoritos
- Áudio vocal e instrumental dos hinos
- Organização de hinos por temas
- *Download* para ouvir *off-line*

Aplicativo oficial e mais completo de hinos adventistas

mais de
600
hinos



Escola Sabatina

Aplicativo oficial da Lição da Escola Sabatina

- Lição de Adultos e Jovens
- Comentários de Ellen G. White
- Auxiliar do professor
- Informativo missionário
- Horário de pôr do sol
- Sincronização com até cinco dispositivos



O conteúdo para os aplicativos CPB BOOKS e ESCOLA SABATINA
você também encontra em cpb.com.br



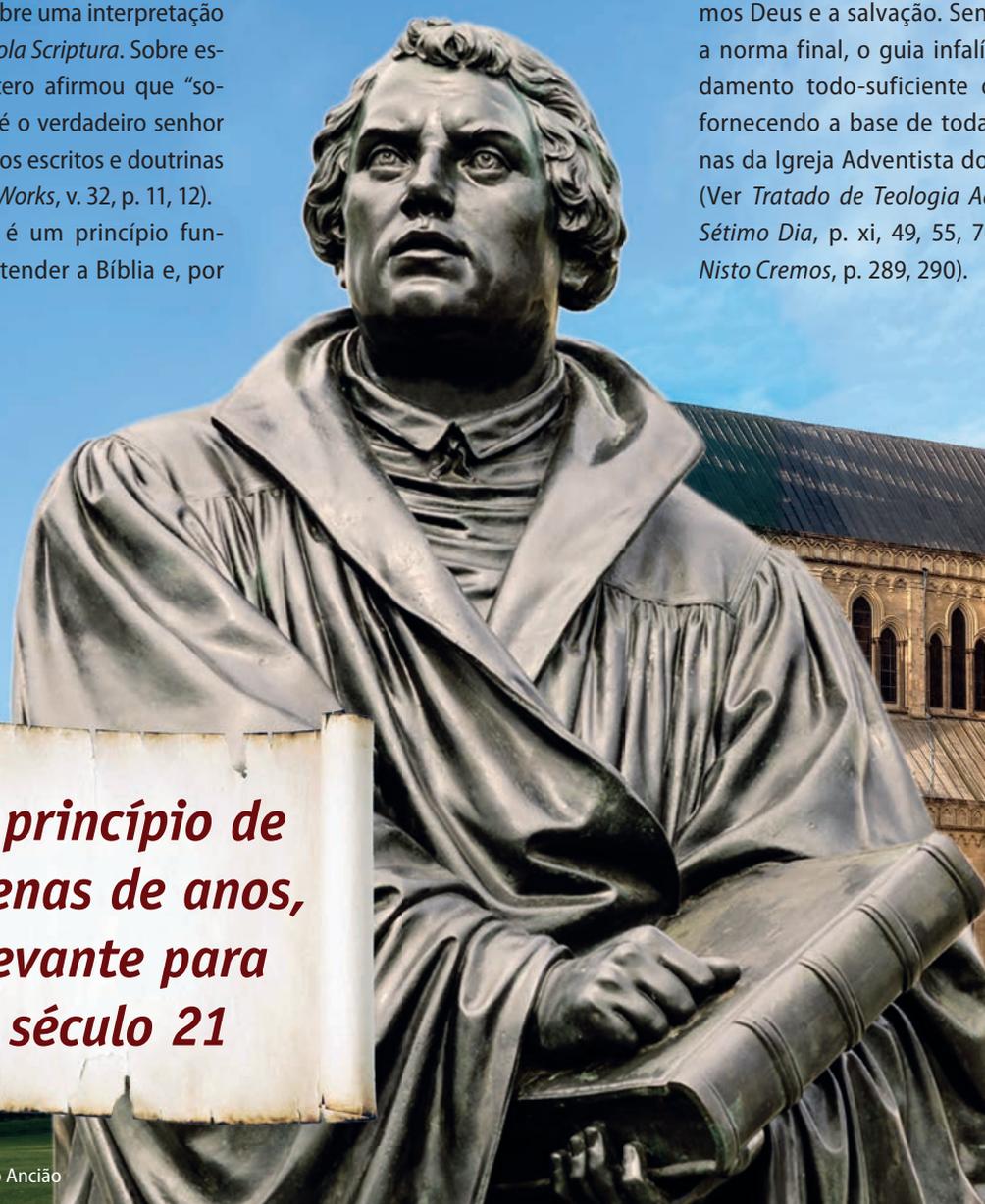
Sola Scriptura e o ancião

Há exatos 500 anos, Lutero apresentou 95 verdades extraídas da Bíblia. Elas mudaram o mundo e estavam fundamentadas sobre uma interpretação conhecida como *Sola Scriptura*. Sobre esta plataforma, Lutero afirmou que “somente a Escritura é o verdadeiro senhor e mestre de todos os escritos e doutrinas na Terra” (*Luther’s Works*, v. 32, p. 11, 12).

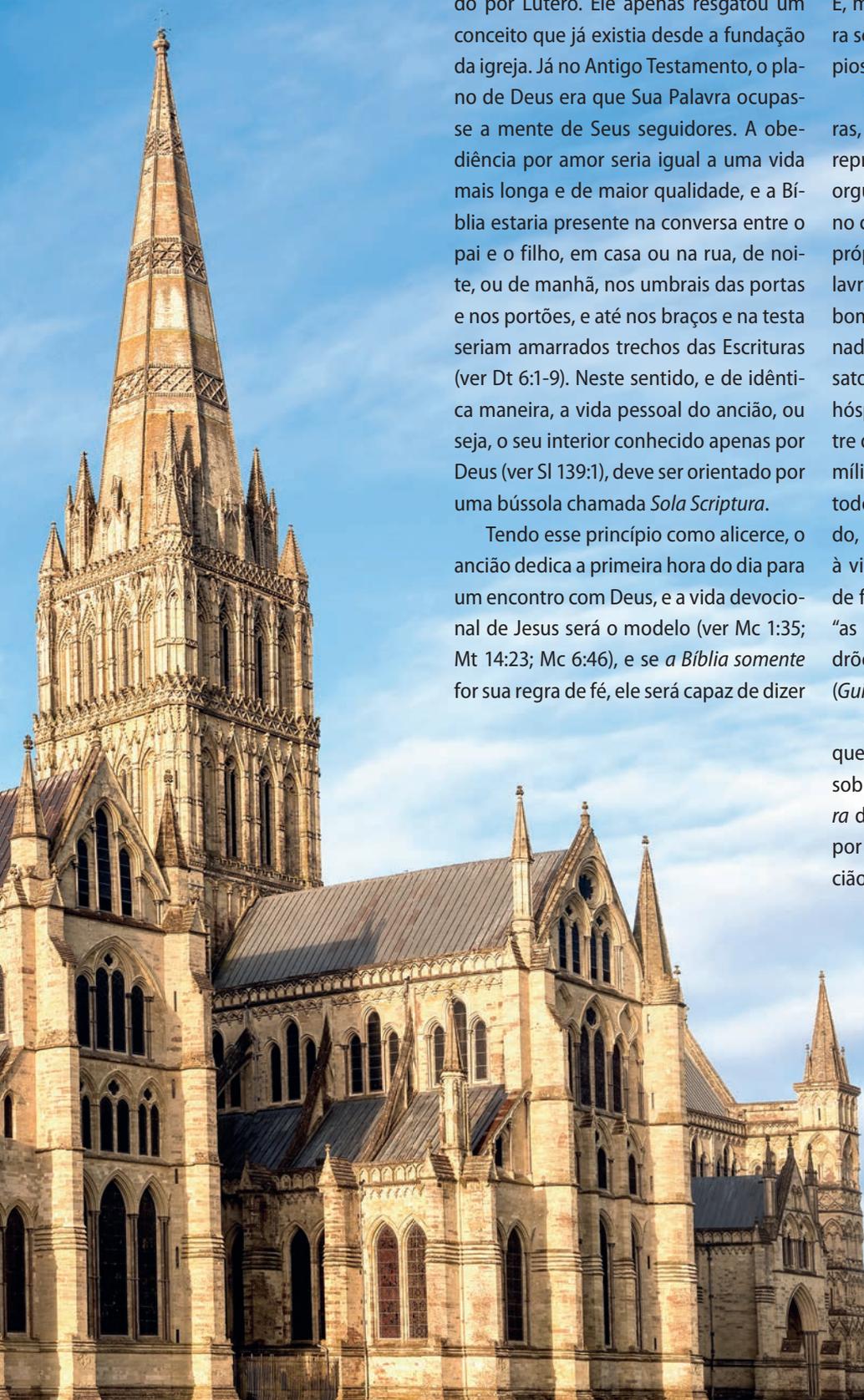
Sola Scriptura é um princípio fundamental para entender a Bíblia e, por

meio desse estatuto, a Igreja aceita as Escrituras como autoridade normativa, suprema e exclusiva, o padrão para a fé e para a doutrina do discípulo de Cristo

no século 21, estando acima da tradição, da ciência e da filosofia. Em outras palavras, *somente a Bíblia* contém a essência da verdade para conhecermos Deus e a salvação. Sendo também a norma final, o guia infalível e o fundamento todo-suficiente da verdade, fornecendo a base de todas as doutrinas da Igreja Adventista do Sétimo Dia (*Ver Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia*, p. xi, 49, 55, 70, 71, 102 e *Nisto Cremos*, p. 289, 290).



Um princípio de centenas de anos, relevante para o século 21



SOLA SCRIPTURA E O ANCIÃO

O princípio *Sola Scriptura* não foi criado por Lutero. Ele apenas resgatou um conceito que já existia desde a fundação da igreja. Já no Antigo Testamento, o plano de Deus era que Sua Palavra ocupasse a mente de Seus seguidores. A obediência por amor seria igual a uma vida mais longa e de maior qualidade, e a Bíblia estaria presente na conversa entre o pai e o filho, em casa ou na rua, de noite, ou de manhã, nos umbrais das portas e nos portões, e até nos braços e na testa seriam amarrados trechos das Escrituras (ver Dt 6:1-9). Neste sentido, e de idêntica maneira, a vida pessoal do ancião, ou seja, o seu interior conhecido apenas por Deus (ver Sl 139:1), deve ser orientado por uma bússola chamada *Sola Scriptura*.

Tendo esse princípio como alicerce, o ancião dedica a primeira hora do dia para um encontro com Deus, e a vida devocional de Jesus será o modelo (ver Mc 1:35; Mt 14:23; Mc 6:46), e se a Bíblia somente for sua regra de fé, ele será capaz de dizer

como Paulo: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co 11:1). E, mesmo não sendo perfeito, lutará para ser como Cristo, uma pessoa de princípios (ver *Guia Para Anciãos*, p. 26).

Conduzido unicamente pelas Escrituras, o ancião será um homem de vida irrepreensível, um ministro de Deus, sem orgulho, sem violência e sem ganância no coração, de mente pura e de domínio próprio (ver Tt 1:7, 8). Orientado pela Palavra de Deus, o ancião será um homem bom, e de sua vida não se poderá falar nada, será trabalhador e cuidadoso, sensato e respeitável. Terá prazer em receber hóspedes em casa, e será um bom mestre das Escrituras, cuidará bem de sua família, e seus filhos lhe obedecerão com todo o respeito (ver 1Tm 3:2, 4). Resumindo, o princípio *Sola Scriptura* aplicado à vida do ancião o tornará um “modelo de fé, pureza e amor” (1Tm 4:12), porque “as Escrituras estabelecem elevados padrões de vida para os anciãos da igreja” (*Guia Para Anciãos*, p. 26).

Quanto à vida pública do ancião, que corresponde às suas ações diretas sobre a igreja, o princípio *Sola Scriptura* determina que ele deve ser nomeado por uma congregação (At 14:23). O ancião também deve ser um líder relevante,

assumindo responsabilidades administrativas (At 15:2, 4, 6, 22, 23). Cabe ainda aos anciãos ministrar aos enfermos, orando por eles e ungindo-os, sob a orientação do pastor (Tg 5:14 e *Manual da Igreja*, p. 76).

Em suma, um ancião é um copastor, unido ao pastor distrital, assumindo a liderança espiritual da congregação, encorajando e apoiando os outros oficiais da igreja, amando cada irmão de maneira individual, conforme a ordem de Cristo (Jo 15:12, 13), aconselhando, animando o doente e orando por ele, e também pelo irmão que perdeu a esperança, levando a Santa Ceia para os enfermos acamados (ver 1Pe 5:1, 2 e *Guia Para Anciãos*, p. 22, 23).

SOLA SCRIPTURA, O ANCIÃO E O DISCIPULADO

Ainda sob o contexto do princípio *Sola Scriptura*, conforme mencionado anteriormente, as crenças fundamentais e práticas da Igreja Adventista do Sétimo Dia são determinadas pela Palavra de Deus e, por esse motivo, quando um novo candidato a discípulo se apresenta à igreja é feita a pergunta: “Crê que a Bíblia é a inspirada Palavra de Deus, a única regra de fé e prática para o cristão? Compromete-se a dedicar tempo regularmente em oração e estudo da Bíblia?” (*Manual da Igreja*, p. 47).

Quando o candidato diz sim, o ancião será a peça-chave no sentido de incentivá-lo “a desenvolver um relacionamento pessoal com Jesus mediante a consolidação do hábito do estudo pessoal da Bíblia e da oração” (Ibid., p. 77), sendo que uma das bases do trabalho do ancião está no preparo de novos candidatos para o batismo, bem como no discipulado desses novos membros (*Guia Para Anciãos*, p. 23).

Entretanto, é importante mencionar que esse incentivo não é restrito apenas aos recém-batizados; a igreja toda deve ser incluída, e isso ocorrerá pelo exemplo e pela ação direta do ancião ao ajudar os ministérios da igreja. “Eles devem ser um

modelo no exercício dessas disciplinas espirituais. Uma efetiva vida de oração de cada membro, dando suporte a todos os ministérios e programas da igreja local, promoverá a missão da igreja. Os anciãos podem pedir à Comissão da Igreja que aponte uma comissão de apoio a essa obra de crescimento e encorajamento” (*Manual da Igreja*, p. 77).

Essa comissão pode se reunir para o treinamento mútuo de métodos que facilitem o ensino da Bíblia e, após isso, com o apoio da Escola Sabatina, que tem papel fundamental na formação de discípulos, atender às famílias dos novos conversos para que elas tenham um conhecimento claro dos fundamentos básicos das Escrituras.

“Sob a direção do pastor e em cooperação com ele, os anciãos são os líderes espirituais da igreja e são responsáveis por promover todos os departamentos e atividades da obra. Eles manterão um relacionamento de auxílio mútuo com os outros líderes” (Ibid., p. 77) e todos os departamentos, sob o fluxo do princípio hermenêutico *Sola Scriptura*, devem promover o evangelismo.

Nesse sentido, segundo o *Manual da Igreja*, p. 99, o primeiro objetivo da Escola Sabatina é “promover o estudo da Bíblia” e o quarto é “ênfasis a missão mundial”. A primeira meta do Ministério do Adolescente é: “Ensinar a Bíblia com uma metodologia que permita ao adolescente aproximar-se de Cristo” (Ibid., p. 195). A Lei do Desbravador tem como primeira ordem: “Observar a devoção matinal” e, entre os seus ideais, existe um voto de fidelidade à Bíblia, sendo que o alvo é falar da volta de Jesus para todo o mundo ainda nesta geração (*Manual Administrativo do Clube de Desbravadores*, p. 27, 28) e a ASA (Assistência Solidária Adventista) busca amparo em toda a Bíblia para o chamado à solidariedade para com os necessitados (*Manual da Ação Solidária Adventista*, p. 11), tendo sido muitas ve-

zes esse o primeiro passo de abordagem no trabalho evangelístico de Cristo. Sendo assim, a principal preocupação da liderança, deve ser “colocar em prática um plano de discipulado ativo que inclua tanto a nutrição espiritual da igreja como o trabalho de planejar e promover o evangelismo” (*Manual da Igreja*, p. 132).

SOLA SCRIPTURA, O ANCIÃO E OS EVENTOS FINAIS

“Muitos protestantes estão migrando para mais perto da posição católica, até mesmo eruditos evangélicos começaram a imprimir grande ênfase ao consenso e à autoridade da tradição cristã. Parece inevitável que isso conduza a uma redução do *Sola Scriptura*, regra que durante muitos séculos se manteve como o princípio fundamental do protestantismo” (*Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia*, p. 60).

No entanto, existe uma advertência profética alertando que “pessoa alguma, a não ser os que fortaleceram o espírito com as verdades da Escritura, poderá resistir no último grande conflito” (*O Grande Conflito*, p. 593). No contexto dos eventos finais, sobre o qual se estabelece a última base doutrinária da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a terceira mensagem angélica (Ap 14:9-12) terá como resultado a divisão definitiva da humanidade entre salvos e perdidos. Neste sentido, a eficiência, ou em contrapartida, o fracasso do ancião como alicerce de fortalecimento bíblico da igreja pode ser determinante para a vida ou para a morte eterna de muitas ovelhas do rebanho. “Se deixarmos de ser o povo do Livro, estaremos perdidos e nossa missão terá falhado” (*Manual da Igreja*, p. 147). ■

Flávio P. da Silva Filho

Pastor distrital em
Concórdia, PA



Lições de Martinho Lutero

Desde os dias da Reforma Protestante, 500 anos já se passaram. Mas os princípios que guiaram a vida de Martinho Lutero, o líder reformador, jamais passarão. Tais princípios, se aplicados à nossa vida hoje, sem dúvida nos tornarão melhores líderes de igreja, ao viver e pregar o evangelho.

*O que
o ancionato
pode aprender
com o
reformador
do século 16*

Martinho Lutero, “destacado entre os que foram chamados para dirigir a igreja das trevas do papado à luz de uma fé mais pura” (Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 120), não somente lutou para reformar a igreja, mas também procurou tornar seus seguidores em discípulos.

A seguir, veremos cinco atitudes de Martinho Lutero descritas por Ellen G. White, e que são dignas de ser imitadas.

1. TEMOR A DEUS

A respeito de Lutero, Ellen G. White escreveu: “Zeloso, ardente e dedicado, não conhecendo outro temor senão o de Deus” (*O Grande Conflito*, p. 120). Ao refletir sobre essa atitude de Martinho Lutero, nossos pensamentos se dirigem à mensagem do primeiro anjo que diz: “Temei a Deus e dai-Lhe glória” (Ap 14:6, 7).

Essa passagem bíblica poderia ser explicada de muitas maneiras. Entretanto, falando de maneira mais sensível e profunda, isto não é outra coisa senão “levar Deus a sério”. O Senhor não pode ser nosso Deus somente nos momentos de devoção ou quando nos encontramos na igreja durante o culto. Ele deve ser Deus em nossa vida no momento em que nos assentamos à mesa para comer; dirigimos o carro; praticamos algum tipo de esporte; trabalhamos. Em todo lugar e circunstância, devemos levar Deus a sério. No entanto, algumas pessoas acreditam que esse tipo de atitude poderia levá-las a ter uma vida sombria e triste. “É a ausência de Cristo na vida que torna as pessoas tristes e de espírito duvidoso. É a falta de Cristo que entristece o semblante e a vida se torna uma peregrinação de suspiros” (Ellen G. White, *Filhos e Filhas de Deus* [MM 2004], p. 200).

2. AS SAGRADAS ESCRITURAS COMO FUNDAMENTO

Martinho Lutero não reconhecia “outro fundamento de fé religiosa além das Escrituras Sagradas” (*O Grande Conflito*, p. 120). Nos tempos atuais, temos mui-

tas publicações e boa literatura, mas devemos lembrar que o único fundamento seguro para nossa vida espiritual é a Palavra de Deus, a qual devemos não somente conhecer, mas também pregar. O ancião discipulador “prega a Palavra” (2Tm 4:2). Os sermões da igreja não devem se fundamentar em histórias bonitas ou filosofias atrativas. É a Palavra que deve ser proclamada.

3. DEDICAÇÃO AO ESTUDO

O grande reformador do século XVI era voltado para o estudo. “Todo momento que podia poupar de seus deveres diários empregava-o no estudo, furtando-se ao sono e cedendo, mesmo a contragosto, o tempo empregado em suas escassas refeições. Acima de tudo se deleitava no estudo da Palavra de Deus” (*O Grande Conflito*, p. 123).

Não se trata simplesmente de dedicar alguns minutos de cada dia à leitura da Bíblia. Cristo disse: “Examinai as Escrituras” (Jo 5:39). É o mesmo Senhor que disse com firmeza a Seus discípulos que iam no caminho de Emaús: “Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!” (Lc 24:25).

Para cada ancião, “a Bíblia deve ser [sua] norma, os vivos oráculos de Jeová devem ser [seu] guia. Vocês devem cavar a verdade como a tesouros escondidos. Devem descobrir onde está o tesouro, e então arar toda polegada desse terreno a fim de obter as pedras preciosas. É preciso explorar as minas da verdade em busca de novas gemas, de novos diamantes, e haveis de encontrá-los” (Ellen G. White, *Fé e Obras*, p. 61).

4. CONVICÇÃO DE DEPENDÊNCIA DO AUXÍLIO DIVINO

Lutero se sentiu pequeno diante da grandeza da obra da reforma. Por isso, “ele tinha uma constante intuição de sua dependência do auxílio divino, e não deixava de iniciar cada dia com oração, enquanto no íntimo estava continuamen-

te a respirar uma súplica de guia e apoio” (Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 122).

Não é de admirar, portanto, que Martinho Lutero tenha chegado a ser o que foi. Tinha consciência de sua dependência de Deus e a Ele se dirigia em oração. Hoje “nossa única segurança está na constante desconfiança de nós mesmos e na confiança em Cristo” (Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 155).

5. DESVIAR O OLHAR DE SI MESMO

Staupitz foi um homem suscitado por Deus para ser amigo e auxiliador de Lutero. Seu incentivo para Lutero foi que “não mais olhasse para si mesmo, [...] e olhasse para Jesus, seu Salvador” [...] (Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 123).

Bem faz o ancião que desvia o olhar de si mesmo e de suas habilidades ou atitudes e olha para Cristo. O cristão pode ser feliz, pode cantar porque descobriu que sua segurança não depende dele, nem de seus sentimentos, que constantemente estão em mudança. Ele pode confiar em Deus apesar dos problemas.

O ancião sábio é aquele que olha para Cristo (Is 45:22; Hb 12:2). “O obreiro fiel mantém os olhos fixos em Cristo. Lembrando que sua esperança de vida eterna deve-a ele à cruz de Cristo, está decidido a não desonrar jamais quem por ele deu a vida” (Ellen G. White, *Conselhos Sobre Saúde*, p. 250).

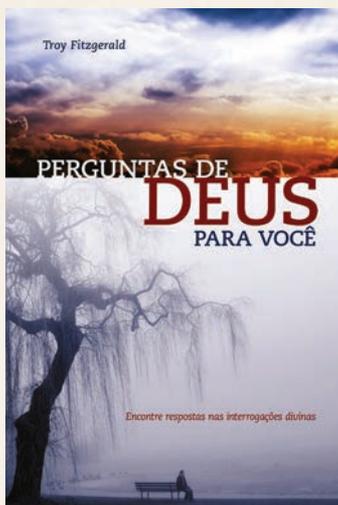
Cinco séculos depois do grande movimento da Reforma Protestante, o temor a Deus, o ter as Escrituras Sagradas como fundamento, a dedicação ao estudo, a dependência do auxílio divino e o desviar o olhar de si mesmo são elementos que dão evidências de discipulado. Seja você também um reformador nos dias atuais! ■

Carlos Hein

Secretário Ministerial da Divisão Sul-Americana



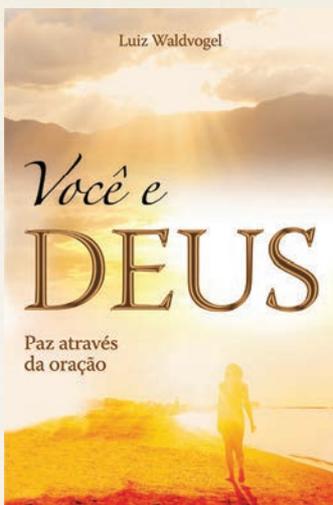
Nosso DEUS



Perguntas de Deus Para Você

Troy Fitzgerald

Neste livro, Deus faz muitas perguntas e espera respostas. Qualquer um que já leu a Bíblia sabe que as perguntas de Deus transformam vidas e podem ter consequências eternas. Com espírito de oração, responda às perguntas que Deus faz a você.



Você e Deus

Luiz Waldvogel

Este livro mostrará a você o que é a oração. As condições de atendimento. Como Deus atende. O que pedir. O que é a oração intercessória. Formas de orar. Os silêncios de Deus. Você também descobrirá que muitas vezes a negativa de Deus é a melhor maneira de responder à oração.



Guia Prático Para Descobrir a Vontade de Deus

Troy Fitzgerald

Será que Deus brinca de esconde-esconde? Deus está escondendo de você informações indispensáveis ou você é que está escondendo informações de Deus? Este livro fala que podemos conhecer a vontade de Deus e viver com alegria, um ótimo conselho para cristãos de qualquer idade.

Necessidades fundamentais

Clubes de Desbravadores e Aventureiros: a diferença que faz diferença

Experimente ficar sentado no último banco de sua igreja em um sábado à tarde. São 14h30. É um momento de reflexão para você como ancião e líder. A igreja está completamente vazia. Não é hora de culto ou qualquer outra reunião. Não tem ninguém dentro da igreja, nem mesmo ao redor. Silêncio total. Sozinho ali, você começa a pensar nas necessidades de sua igreja. Trocar as caixas de som; pintar as paredes; tornar os bancos mais confortáveis; posicionar melhor a projeção e aumentar a tela; comprar um projetor mais potente. Eu quero que você pense em necessidades mais importantes.

Você pode então pensar: “Minha igreja precisa urgentemente do poder do Espírito Santo; necessitamos demonstrar mais amor uns aos outros e ser bondosos e amistosos com os visitantes; precisamos terminar a pregação do evangelho alcançando cada família do bairro e da cidade.” Sentados no último banco da igreja, há muitas coisas que podemos descobrir em oração. Normalmente, nos encontros de líderes, pergunto a respeito das necessidades da igreja (sejam elas grandes ou pequenas). E eles mencionam pelo menos cinco delas.

Evangelizar. “E este evangelho do Reino será pregado” (Mt 24:14, ARC). Esta é a primeira necessidade da igreja. Esta é a razão da existência da igreja. Evangelismo deve ser a principal atividade. Não

há maior alegria do que levar pessoas a Jesus. Mas quando muitas pessoas são aceitas na família de Deus, qual é a necessidade ou a nossa tarefa para com eles?

Conservação. Não queremos que as pessoas sejam batizadas e depois de alguns meses ou anos abandonem a igreja. Apascentar as ovelhas; alimentar o rebanho; cuidar dos cordeirinhos; são frases que nos lembram da função pastoral de cada líder na igreja.

Plantio de igrejas. Com evangelismo e conservação haverá crescimento. Mateus 24:14 (ARC) continua dizendo “em todo o mundo, em testemunho a todas as nações”. Não somos focados somente em nosso bairro. Precisamos alcançar outros bairros, outras cidades, outros países. Por isso cada igreja precisa se multiplicar em novos lugares.

Fidelidade. Deus requer de cada membro de Sua igreja fidelidade em todos os aspectos da vida cristã. Ser fiel a Deus nos dá o fruto de reconhecer-Lo como Criador, Mantenedor e Salvador. É uma necessidade espiritual de todos os membros da igreja. Os novos conversos, principalmente, têm a necessidade de ser instruídos nesse aspecto e também no sentido mais amplo da fidelidade a Deus.

Líderes. Uma das maiores necessidades da igreja em toda a sua história diz respeito à sua liderança. Em muitas igre-



jas, a Comissão de Nomeações se depara com uma tremenda dificuldade: a falta de pessoas para ocupar as funções necessárias na igreja.

As questões levantadas acima, em sua maioria, as sobre as necessidades da igreja, seriam resolvidas se tivéssemos líderes mais comprometidos. Lá, no último banco da igreja, pensando sobre isso, você pode concluir que é necessário orientar os ministérios e departamentos da igreja para se unirem a fim de que essas necessidades sejam satisfeitas.

Cada departamento na igreja tem uma função e é imprescindível que esteja focado em cumprir a missão.

Gostaria que você refletisse comigo em como os Clubes de Desbravadores e Aventureiros podem ajudar nessas cinco necessidades.



DESBRAVADORES

CLUBE

CLUBE DE AVENTUREIROS

SALVAÇÃO

& SERVIÇO
Ministério Jovem

Tradicionalmente, o Batismo da Primavera tem sido aquele em que maior número de pessoas são batizadas. É nessa cerimônia que a maioria dos Desbravadores é batizada, além de alguns Aventureiros, Jovens e alunos das Escolas Adventistas. Mas mesmo assim, ao longo do ano, o maior grupo de adolescentes a ser batizado é o daqueles de quinze anos para baixo.

O Clube de Desbravadores é uma das maiores forças evangelísticas da igreja. É uma fonte permanente de pregação da Palavra. Por isso é necessário que a Classe Bíblica do clube seja forte e tenha o apoio dos anciãos. No clube, evangelizamos os juvenis e, por extensão, seus pais. Isso ocorre, principalmente, pela quebra de preconceitos junto a esses pais. Um dos pontos

mais fortes do clube é a conservação na fé. Os índices de apostasia nessa faixa etária são baixos. Isso deve-se ao envolvimento desses adolescentes no Clube. Isso também é verdade em relação aos jovens e adultos que lideram os Desbravadores e Aventureiros.

Os diretores e líderes dos Clubes de Desbravadores e Aventureiros necessitam das orações, do apoio e respeito da liderança maior da igreja local. Eles estão em atividades durante a semana (na preparação de eventos) e principalmente nos fins de semana. De fato, esse é um dos Ministérios que mais trabalham na igreja. “Não sobra tempo para mais nada”, eles dizem.

Nos últimos anos, em muitas Associações e mesmo em algumas Uniões, a liderança tem investido no plantio de novas igrejas com os Clubes de Desbravadores. Os passos são os seguintes:

- ❖ Organiza-se um Clube de Desbravadores na comunidade.
- ❖ Dá-se início a uma série evangelística.

Em uma comunidade, o Clube de Desbravadores quebra os preconceitos que muitas pessoas têm sobre religião e se torna um meio eficaz para alcançar

as pessoas. E assim, são formadas novas igrejas com famílias professando a mesma fé. As tarefas realizadas nas unidades (Classe Bíblica, a meditação no Cantinho da Unidade, as Classes Regulares e especialidades) não só compartilham novas informações e ensinam novas habilidades, mas também fortalecem a fé e o amor pelas atividades na igreja.

Mas será que o Ministério dos Desbravadores também pode ajudar a fortalecer a fidelidade nos dízimos e ofertas? É claro que sim e de diversas maneiras. Primeiro: todo desbravador participa das Classes Bíblicas e recebe o conhecimento das doutrinas, inclusive sobre esse assunto. Segundo: entre os requisitos da Classe de Guia de Exploração, quando o desbravador completa quinze anos de idade, está a especialidade de Orçamento Familiar. Nela, ele precisa estudar Malaquias 3 e escrever o que significa ser um mordomo fiel.

Outra especialidade muito importante é a de Mordomia. Em 2018, cerca de 290 mil desbravadores (dados atuais) cumprirão os requisitos dessa especialidade e mais de 118 mil aventureiros farão a especialidade de Sábio Mordomo.

Evangelismo, conservação, novas igrejas e fidelidade são grandes necessidades que poderão ser supridas se tivermos líderes para tomar a iniciativa, as decisões corretas e promover as mudanças com foco na missão. Nesse aspec-

to, os Clubes de Desbravadores são muito fortes na preparação e formação de líderes. Cada desbravador é um futuro líder em potencial e está sendo preparado para isso. No clube, eles ocupam funções de Capitão, Secretário e outras, desde os dez anos de idade. Depois recebem treinamento para ser Conselheiros, Instrutores, Diretores e ser investidos na Classe de Líder.

O resultado? Em consultas informais que tenho feito nos concílios, em campo-ri de pastores e de anciãos (pastori e anciori), em treinamentos de anciãos, em reuniões de líderes, etc., tenho constatado os seguintes índices:

- ❖ 85 a 90% dos pastores foram desbravadores.
- ❖ 70 a 85% dos anciãos, quando adolescentes, participaram de um Clube de Desbravadores.
- ❖ 75 a 85% dos líderes de Pequenos Grupos pertencem ou já pertenceram a um Clube de Desbravadores.
- ❖ 100% dos jovens envolvidos no Projeto “Um Ano em Missão” seguem o mesmo item anterior

Estes índices deixam claro que o Clube de Desbravadores é uma escola de formação de líderes que temos na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Mesmo depois que os desbravadores deixam o clube (por uma questão de faixa-etária) ou por outros compromissos (faculdade, casamento, trabalho), eles continuam atu-

antes em outras áreas da igreja porque foram capacitados para assumir responsabilidades, ter iniciativa para realizar projetos missionários e testemunhar em favor do evangelho.

Estudos mostram que ter um Clube de Desbravadores e um Clube de Aventureiros funcionando na igreja local é imprescindível. Nossos juvenis precisam gastar suas energias em atividades úteis, saudáveis, desafiadoras, e focadas no crescimento físico, mental e espiritual. E, além disso, os Desbravadores e Aventureiros são fundamentais na igreja para evangelizar, conservar, plantar novas igrejas, fortalecer a fidelidade e formar novos líderes. Por todas essas coisas, nosso lema é: “Em cada igreja, um clube”.

Se em cada igreja organizada houver um Clube de Desbravadores e um Clube de Aventureiros, teremos muitas crianças e juvenis em nossas reuniões, os pais não adventistas serão evangelizados mais facilmente, as novas gerações contribuirão para o crescimento da igreja e a liderança será cada vez mais forte.

Pois é, depois dessas reflexões sobre as necessidades de sua igreja, o tempo passou rápido enquanto você esteve assentado lá atrás no último banco. São quase três horas da tarde. Já é hora de levantar, porque a classe batismal dos desbravadores está para começar e seria bom que você passasse por lá.

Estimado ancião! Vamos apoiar nossos clubes para ocuparmos todos os bancos da igreja com jovens, juvenis, crianças, pais, adultos, idosos e preparar essa grande família de Deus para o grande acampamento do Céu!

Deus conta com você! ■

PASTORI

É um acampamento por um período de dois ou três dias (no meio da semana) que reúne pastores de uma Associação/Missão para realizar uma série de atividades ao ar livre, com a finalidade de motivar, treinar e capacitar os ministros no apoio aos Clubes de Desbravadores, Aventureiros ou Jovens, objetivando evangelizar, conservar e formar líderes.

ANCIORI

É um acampamento por um período de uma noite (sábado) e uma manhã (domingo) com anciãos de igreja e diretores de congregação de um distrito pastoral, com o objetivo de buscar experiências e treinamento para conquistar as novas gerações (Desbravadores, Aventureiros e Jovens) para Cristo e Sua igreja.

Udolcy Zukowski

Diretor do Ministério de Desbravadores e Aventureiros da Divisão Sul-Americana



João Wycliffe – A estrela da manhã da reforma

Provérbios 4:18

I – INTRODUÇÃO

A. “O caminho do justo é como a luz ao nascer do sol, que brilha cada vez mais até o dia estar totalmente claro” (Pv 4:18, Bíblia Viva).

1. João Wycliffe foi a primeira grande testemunha da Reforma, não somente para a Inglaterra mas para todos os cristãos. Suas palavras jamais foram apagadas. Seu protesto foi como uma onda de luz, iluminando indivíduos, igrejas e nações.
2. Diante da ameaça de morte, por parte de seus oponentes, Wycliffe disse: “Por que falam em jogar para longe a coroa do sofrimento? Pregue o evangelho de Cristo para os orgulhosos e o sofrimento não vai faltar. Devo ficar calado? Nunca! Que venha o golpe, estou preparado!”
3. Quebrando as pesadas correntes da ignorância, a Bíblia traduzida por Wycliffe ajudou a libertar e enobrecer a Inglaterra muito mais do que seus exércitos conseguiram através das brilhantes vitórias alcançadas nos campos de batalha.

II – QUEM FOI JOÃO WYCLIFFE

A. “O caminho do justo é como a luz ao nascer do sol” (Pv 4:18a)

1. João Wycliffe ficou conhecido como “a estrela da manhã da Reforma” porque sua tradução da Bíblia foi o primeiro lampejo de luz a espantar os séculos de trevas e a perseguição durante a idade média.
2. Ele foi um reformador do século 14 que forjou uma arma que, em seu efeito sobre o reino das trevas, seria a mais poderosa de toda a Inglaterra: a Bíblia traduzida para o idioma inglês. Liberdade, esclarecimento e paz vieram por meio

da Palavra de Deus. Na época em que fez a tradução Wycliffe estava muito debilitado. Sabia que iria morrer, mas conseguiu terminar sua obra.

3. Ele foi odiado por aqueles que usavam o nome de Deus para roubar e enganar aos pobres. As Escrituras revelavam a mentira e desmascaravam os mentirosos. Além da Palavra de Deus, ninguém, por mais poderoso e influente que fosse, teria autoridade para governar a consciência dos homens.

III – QUAL FOI O RESULTADO DE SUA OBRA

A. “Brilhando cada vez mais até o dia estar totalmente claro.”

B. “O meio-dia do papado havia sido a meia-noite do mundo”, no entanto, através da contribuição de João Wycliffe, a estrela da manhã da Reforma, a meia-noite do mundo passou.

C. O perdão não mais foi vendido na Inglaterra. Os líderes religiosos, amantes do luxo e dos prazeres, não puderam mais se esconder atrás da ignorância do povo, porque essa foi erradicada pela Bíblia. E como resultado, quase metade da Inglaterra se converteu ao verdadeiro evangelho.

D. O interesse dos britânicos pela Bíblia foi tão grande que muitos voluntários escreviam o texto à mão, pois a imprensa ainda não existia. Os mais ricos adquiriam a Bíblia toda, outros compravam apenas uma parte. Em muitos casos várias famílias se uniam para comprar um exemplar. E assim, a Bíblia de Wycliffe se espalhou pela Inglaterra.

E. Por meio dos seus discípulos, conhecidos como wyclifitas ou lolardos, os ensinamentos de Wycliffe foram levados a vários países. Eles foram perseguidos e torturados, expulsos de suas casas e queimados nas fogueiras. Contudo,

venceram “pela palavra do testemunho que deram e diante da morte, não amaram a própria vida” (Ap 12:11).

IV – CONCLUSÃO

A. A Palavra de Deus foi disseminada não somente entre os britânicos, mas também em outras partes do continente europeu, e agora Wycliffe podia morrer em paz.

B. Não teve medo da prisão, nem mesmo da fogueira. Ele havia cumprido sua missão. A luz da verdade foi acesa e ninguém mais poderia escondê-la.

C. No dia 28 de dezembro de 1384, em Lutterworth, enquanto ministrava uma Santa Ceia em sua igreja, Wycliffe teve um derrame e três dias depois a estrela da manhã se apagou. Porém, sua obra nunca será apagada (Ver Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 79-96).

D. Os líderes religiosos romanos, que odiavam Wycliffe, não conseguiram tirar sua vida, mas 43 anos depois de sua morte, mandaram, através de um decreto, que seus ossos fossem desenterrados e publicamente queimados. Depois as cinzas do reformador foram jogadas no rio Swfit, que as levou até outros afluentes e, finalmente, para o grande oceano. Assim, as cinzas de Wycliffe são um símbolo de sua doutrina, que hoje está espalhada pelo mundo inteiro (ver *Christianity Today*, <https://goo.gl/YyXHVj>).

E. A vida de João Wycliffe é como uma pergunta constante para todo seguidor de Cristo: Estou disposto a me sacrificar para levar o evangelho? *Nós somos a luz do mundo*, assim, devemos brilhar em um mundo que se torna, a cada dia, mais escuro.

Flávio Pereira da Silva Filho
Pastor em Concórdia do Pará, PA.

NOTA: Estes esboços de sermões tiveram como fonte primária o livro *O Grande Conflito*.

João Huss – Fiel até o fim

Apocalipse 2:10

I – INTRODUÇÃO

A. “Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Ap 2:10).

1. Como em uma prova de atletismo com revezamento de bastões, um reformador influenciava outro durante o período da Reforma Protestante. Assim aconteceu que João Huss que, em contato com os escritos de João Wycliffe, obteve esclarecimento para muitos pontos que lhe eram obscuros e se tornou forte defensor do movimento.
2. Por meio de Wycliffe e Huss a atenção dos habitantes da Inglaterra, da Boêmia e de outras terras foi dirigida para a Palavra de Deus, a qual se encontrava “aprisionada” pelo sistema eclesiástico romano há muito tempo.
3. João Huss foi traído, enganado e queimado em uma fogueira. Porém, sua influência sobre os sinceros que buscam a verdade divina permanece até hoje.
4. Huss foi sacrificado, mas os ideais da verdade pelos quais viveu e lutou não morreriam. Seu exemplo de fé e perseverança inspirou multidões a permanecer firmes ao lado das Escrituras, mesmo enfrentando perseguição e morte.

II – QUEM FOI JOÃO HUSS

A. “Conheço as tuas obras, e tribulação, e pobreza (mas tu és rico)” (Ap 2:9).

1. João Huss nasceu em uma família humilde, em Hussinec, Boêmia. Estudou os primeiros anos na escola da sua província. Depois, foi aceito na Universidade de Praga, sendo registrado como estudante pobre.
2. Na viagem para a universidade sua mãe o acompanhou. Ela era viúva e não tinha nada para oferecer ao filho. Contudo, quando chegaram à entrada da grande cidade de Praga, ela se pôs de joelhos ao lado do filho e pediu a bênção de Deus sobre a vida dele.

3. Durante seus anos na universidade João Huss foi um aluno incansável. Procurou sempre fazer o melhor e servir de exemplo em tudo o que é correto. Era uma pessoa agradável. Concluiu o curso e se tornou sacerdote. Depois reitor da mesma universidade. Ele se tornou o orgulho de seu país e famoso em toda a Europa.

4. Algum tempo depois de ser ordenado, Huss também recebeu a responsabilidade de pregador da famosa Capela de Belém, em Praga. Ao pregar as mensagens bíblicas de maneira simples e direta, os inimigos se levantaram. Seus sermões denunciavam o orgulho, a ambição e a corrupção dos que tinham o poder nas mãos, e devido a isso ele foi processado e condenado pelo papa.

III – O RESULTADO DE SUA OBRA

A. “Eu conheço as tuas obras, e o teu amor, e o teu serviço, e a tua fé, e a tua paciência, e que as tuas últimas obras são mais do que as primeiras” (Ap 2:19).

1. O ensino de João Huss se estendeu desde a Boêmia até a Alemanha. Muitos que receberam dele o conhecimento das Escrituras Sagradas espalharam o evangelho em sua pátria.
2. Huss influenciou diretamente a Jerônimo, um de seus discípulos, que imitando seu mestre enfrentou a morte por amor à verdade bíblica. Um século depois, Lutero, o principal interlocutor do movimento da Reforma Protestante, também se declarou um hussita.
3. “O período final do século 14 testemunhou o aumento das igrejas dos Irmãos Morávios (movimento influenciado pelos ensinamentos de João Huss). No início do século 16, suas igrejas na Boêmia e Morávia eram em número de duzentas” (*The Life and Times of John Huss*, p. 570).

4. As cinzas de João Huss foram jogadas no rio Reno, e daí levadas para o oceano. À semelhança de Wycliffe, elas se espalharam como sementes em outros países (ver *O Grande Conflito*, p. 97-119).

5. Antes de Huss, outros mártires foram mortos por defender a verdade do Evangelho. O decreto era: “Aquele que se afastar do culto romano deve ser queimado!” Um desses mártires, ao morrer, disse: “A ira dos inimigos da verdade está nos vencendo agora, mas não será para sempre; vai se levantar um dentre o povo comum, sem espada nem autoridade, e a esse eles não vencerão.”

6. Este homem foi João Huss. Um exemplo claro para os cristãos de todos os séculos do que o Espírito Santo pode fazer ao usar como instrumento alguém que, por amor à Palavra de Deus, decide falar a verdade.

IV – CONCLUSÃO

A previsão bíblico-profética é a de que “terrível é a crise para a qual caminha o mundo. Os poderes da Terra, unindo-se para combater os mandamentos de Deus, decretarão que todos, ‘pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos’ (Ap 13:16), se conformem aos costumes da igreja, pela observância do falso sábado. Todos os que se recusarem a conformar-se serão castigados pelas leis civis, e será declarado finalmente serem merecedores de morte” (*O Grande Conflito*, p. 604).

No entanto, está escrito: “Nada temas das coisas que hás de padecer. Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados; [...] Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Ap 2:10).

Flávio Pereira da Silva Filho
Pastor em Concórdia do Pará, PA.

Lutero – Construtor do sonho de Deus

Hebreus 2:3,4

I – INTRODUÇÃO

A. “A justiça de Deus se revela no evangelho, uma justiça que do princípio ao fim é pela fé, como está escrito: ‘O justo viverá pela fé’” (Rm 1:17, NVI).

1. No dia 31 de outubro de 1517, Lutero pregou suas 95 teses nas portas da Igreja de Wittenberg, na Alemanha. Elas defendiam, entre outras coisas, que o dinheiro não pode comprar a salvação.
2. Eram apenas pedaços de papel e tinta, mas o mundo inteiro mudou a partir desses frágeis instrumentos. Hoje, 500 anos depois, os cristãos ainda são beneficiados pelos princípios da Reforma Protestante. Foi como uma onda de choque que atravessou os séculos e atingiu o mundo todo.
3. Martinho Lutero não reconhecia outra base para sua fé que não fosse a Bíblia e, por isso, ele foi o homem para seu tempo.
4. Como em uma construção tijolo após tijolo formam a estrutura, na construção espiritual de Deus, verdade após verdade vão realizando o sonho divino de uma humanidade totalmente edificada sobre Sua Palavra (Sl 118:22; 1Co 3:10-15). E um dos alicerces mais importantes para esta construção foi restaurado por Martinho Lutero: a justificação pela fé.

II – QUEM FOI MARTINHO LUTERO?

A. “É evidente que, pela lei, ninguém é justificado diante de Deus, porque o justo viverá pela fé” (Gl 3:11).

1. A família de Lutero era pobre, seu pai era mineiro e queria que ele estudasse Direito. Sendo assim, enviou o filho para a escola com pouca idade. Durante algum tempo, Lutero precisou bater de porta em porta com uma sacola de pedinte, cantando para ganhar o pão.
2. Com o passar dos anos ele se tornou o melhor aluno do colégio. Boa

memória, grande capacidade de raciocínio e disciplina estavam preparando Martinho Lutero para o grande combate da Reforma.

3. Lutero foi ordenado sacerdote e se tornou professor da Universidade de Wittenberg. Começou a estudar a Bíblia nas línguas originais. Sua pregação chamou a atenção das pessoas e elas vinham para ouvir seus sermões.
4. Porém, uma grande mudança aconteceu em sua vida quando ele visitou Roma. Lutero percorreu a pé uma distância equivalente ao trajeto de São Paulo, capital, a Porto Seguro, na Bahia, hospedando-se nos mosteiros pelo caminho. Ao chegar a Roma, testemunhou o luxo, a riqueza e a ostentação dentro de um convento e ficou assombrado. A ilusão que ele havia criado da igreja romana começou a se desfazer.
5. Certo dia, como um bom católico, Lutero estava subindo de joelhos a “escada de Pilatos”, que diziam ter sido descida por nosso Salvador ao sair do tribunal romano e, “por um milagre”, transportada de Jerusalém para Roma. Lutero estava devotamente pagando sua promessa, quando de repente ouviu uma voz, como se fosse um trovão, dizendo: “O justo viverá pela fé.” Ele se levantou rapidamente e fugiu do lugar, envergonhado e horrorizado.
6. Desde então, viu mais claramente do que nunca que era uma ilusão confiar nas obras humanas para a salvação. Era necessário uma fé constante em Jesus Cristo. Os olhos de Lutero se abriram, e nunca mais seriam fechados. Quando ele saiu de Roma, Roma também estava saindo do seu coração. Pouco tempo depois, ele se tornou doutor em Teologia pela Universidade de Wittenberg.

III – QUAL FOI O RESULTADO DE SUA OBRA?

A. “Mas o meu justo viverá pela fé. E, se retroceder, não me agradarei dele” (Hb 10:38, NVI).

1. Lutero dizia: “Veja o que eu fiz. Levantei-me contra o papa, seus partidários e as indulgências, mas sem violência nem tumulto. Apresentei a Palavra de Deus; preguei e escrevi – isto é tudo que fiz. E, no entanto, enquanto eu dormia, a Palavra que eu havia pregado venceu o papado, de maneira tal que nunca um príncipe ou imperador conseguiu. E, contudo, nada fiz; a Palavra só, fez tudo. Se eu tivesse desejado apelar para a força, a Alemanha inteira teria sido talvez inundada de sangue. Mas qual seria o resultado? Ruína e desolação tanto para o corpo como para a alma. Portanto, conservei-me quieto e deixei a Palavra sozinha correr através do mundo” (*O Grande Conflito*, p. 190).
2. O estudo sistemático da Bíblia feito por Lutero é um grande holofote que espalhou luz da Alemanha para o mundo, e que irá brilhar até os últimos dias da história terrestre.
3. Como dizia Spurgeon: “A Palavra de Deus é como um leão. Deixe-a livre e ela fará o seu trabalho.”

IV – CONCLUSÃO

A Reforma não terminou com Lutero. Ela continuará até o fim da história deste mundo. Lutero teve grande importância na obra a ser realizada, refletindo em outros a luz que Deus permitiu brilhar sobre ele. No entanto, não recebeu toda a luz que deveria ser transmitida ao mundo.

Desde aquele tempo até hoje, nova luz tem estado continuamente a brilhar sobre a Bíblia, e novas verdades são reveladas constantemente (*O Grande Conflito*, p. 120-210). E assim será até a edificação do sonho de Deus se tornar completa. Quando cada um dos filhos de Deus, após uma reforma interior, consagrar sua vida ao Pai, então haverá paz perfeita em toda a face da Terra.

Flávio Pereira da Silva Filho
Pastor em Concórdia do Pará, PA.

O pregador que não tinha medo de morrer

Filipenses 1:21

I – INTRODUÇÃO

A. “Porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro!” (Fp 1:21, NVI).

1. Wesley desceu a ladeira correndo. Muita gente estava atrás dele. O caminho era escorregadio e a multidão estava com raiva. Um tentou agarrá-lo pela gola da camisa, outro rasgou a aba do seu colete (*O Grande Conflito*, p. 258).
2. Outro levantou o braço para bater em Wesley. Mas, de repente, seu braço relaxou e ele tocou apenas de leve na cabeça de Wesley, dizendo: “Que cabelo macio ele tem!” Wesley não escorregou nem tropeçou, até conseguir escapar (*Ibid.*).
3. Um pedaço de tijolo passou de raspão pelo seu ombro. Depois, levou uma pedrada no meio dos olhos. Um homem bateu na sua boca com tanta força que o sangue jorrou imediatamente. Contudo, Wesley não sentiu dor. Era como se o tocassem com uma palha (*Ibid.*, p. 259).
4. Muitas vezes João Wesley escapou da morte por um milagre da misericórdia de Deus. Quando a multidão enfurecida o cercava, e parecia que ele não ia escapar, um anjo em forma humana vinha a seu lado, a multidão recuava, e Wesley saía em segurança do lugar de perigo (*Ibid.*, p. 258).
5. Mas qual era o motivo de tanta ira? O único problema era que João Wesley pregava a verdade.

II – WESLEY NÃO TINHA MEDO

A. “Por amor de Ti enfrentamos a morte todos os dias” (Rm 8:36, NVI).

1. João Wesley arriscava a vida porque amava as pessoas e queria salvar todos quantos pudesse. Ele pregava sobre a reforma do coração e o abandono do pecado. Todavia, muitas vezes, teve que fugir para permanecer vivo e continuar levando a esperança da salvação a outros lugares.

2. Entretanto, quando iniciou seu ministério Wesley não tinha tanta coragem assim. Logo após sua ordenação, ele foi enviado para a América do Norte. O navio em que viajava enfrentou uma sequência de tempestades em alto mar durante oito dias. Era como se um barquinho de papel estivesse no meio de um *tsunami*. Wesley pensou: “Vou morrer, estou com medo! Não tenho paz com Deus!”

3. Em meio a uma dessas terríveis tempestades, ele se deparou com um grupo de cristãos morávios alemães. Surpreso, viu crianças e mulheres cantando hinos enquanto a vela do navio se despedaçava e o mar cobria a embarcação. O oceano estava prestes a engolir o navio, mas eles estavam tranquilos.

4. Wesley ficou tão impressionado com os morávios que ao descer do navio, na cidade de Savannah, no litoral leste dos Estados Unidos, decidiu permanecer um tempo com eles. E, quando voltou para a Inglaterra, foi um pregador morávio que o discipulou (*Ibid.*, p. 255).

5. Por intermédio desse discipulador Wesley entendeu mais claramente sobre a fé em Deus e a certeza da salvação. Ele pode compreender que tudo o que ele fazia de nada valia para sua salvação. Precisava confiar inteiramente no “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29).

III – O RESULTADO DE SUA OBRA

A. “Se o que alguém construiu permanecer, esse receberá recompensa” (1Co 3:14, NVI).

1. Como adventistas herdamos muitas características dos metodistas, cujos fundadores foram João e Carlos Wesley. As primeiras produções literárias e obras devocionais de Ellen White, como o livro *Caminho a Cristo*, refletem a prática da religião experimental promovida pelos primeiros metodistas americanos.

2. O apelo de Wesley à santidade, no que diz respeito à ajuda aos pobres e necessitados, continua a desafiar os cristãos que querem entender o que significa participar do Reino de Deus (*Encyclopedia of Christianity in the United States*, v. 5, p. 2454).

3. O metodismo é um dos elementos fundamentais na formação da religiosidade americana (*The Methodist Age in America, Methodist History*, v. 12, p. 3).

4. João Wesley morreu aos 88 anos (1703-1791). Durante sua vida ele levou mais de meio milhão de pessoas a Cristo. Mas a multidão que por meio do seu trabalho foi erguida do abismo do pecado, não poderá ser contada antes que a família dos resgatados do Senhor esteja reunida no Reino dos Céus (*O Grande Conflito*, p. 264).

IV – CONCLUSÃO

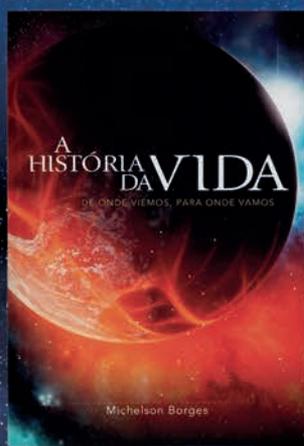
- A. Ao ouvir a declaração de Lutero, lida em uma reunião da Sociedade Morávia de Londres, descrevendo a mudança que o Espírito Santo opera no crente, Wesley sentiu uma forte emoção. Ele disse: “Senti que confiava em Cristo, Cristo somente, para a salvação; e eu tive a certeza de que Ele tirou os meus pecados, sim, os meus, e me salvou da lei do pecado e da morte” (*O Grande Conflito*, p. 256).

- B. O coração de João Wesley se aqueceu para nunca mais esfriar. Foi a partir dali que ele se tornou o grande reformador de Deus na Inglaterra.

- C. A vida de João Wesley é apenas um dos capítulos da Reforma Protestante que começou com Wycliffe, cresceu nos dias de Lutero, e deve ser levada avante até o fim por aqueles que também estão dispostos a sofrer todas as coisas pela “palavra de Deus, e pelo testemunho de Jesus Cristo” (Ap 1:9, ARC) (*Ver O Grande Conflito*, p. 78).

Flávio Pereira da Silva Filho
Pastor em Concórdia do Pará, PA.

Os mistérios da natureza vistos com o olhar da Ciência



TENHA EM CASA TODOS ESSES
LIVROS QUE APROFUNDARÃO
SEUS CONHECIMENTOS!

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073



A família e a vitória final

Muito em breve, o plano original de Deus será plenamente cumprido



A família e o sábado foram as primeiras instituições estabelecidas por Deus desde a criação da Terra (Gn 1-3). No plano divino, a melhor forma de manter a felicidade do homem era proporcionando a ele aprendizagem e crescimento pela experiência de participar dessa bênção por meio de compartilhamento da vida. Foi assim que Deus colocou na vida do ser humano esta bênção: a constituição da família e a procriação de filhos.

O livro do Apocalipse nos fala da rebelião de Lúcifer (Ap 12:7-9). Ao ser expulso para a Terra, ele levou a efeito o seu plano de manchar o caráter de Deus, inculcando

na mente dos seres criados a dúvida quanto à justiça e o amor de Deus, levando esses seres a também se rebelarem contra o Criador. Como todos sabemos, o plano de Satanás alcançou êxito ao enganar nossos primeiros pais, levando-os a ceder à tentação por meio do fruto da árvore da ciência do bem e do mal (Gn 3:6, 7). Este é o contexto que descortina o cenário do grande conflito. Assim, o mundo e seus habitantes estavam envolvidos nesse drama universal que continua afligindo a todos nós.

No entanto, o Senhor Deus interveio nesse drama universal e tornou conhecido o Seu plano de resgate do pecador penitente, fazendo a primeira promessa

messiânica (Gn 3:15). Ou seja, a vinda do Resgatador. Aquele que pagaria o preço para que o homem pudesse retornar ao plano original de Deus.

O DRAMA DA FAMÍLIA HUMANA

De fato, o mundo é o cenário em que ocorre o grande conflito. Isto nos proporciona uma compreensão mais clara do porquê as famílias enfrentam lutas, problemas e dificuldades de toda ordem. É o desenrolar desse drama que atinge a todos com o objetivo claro de nos desanimar na fé, e desconfiar do amor e cuidado de Deus por seus filhos.

Jó foi um homem íntegro, reto e temente a Deus, mas se tornou alvo da ira e perseguição do inimigo (Jó 1, 2). Mas nessa mesma história, embora sejam relatadas as queixas e lamentos de Jó, podemos ver sua vitória em razão de sua confiança em Deus e sua obediência aos mandamentos divinos (Jó 42).

No contexto do grande conflito, as famílias que vivem com integridade diante de Deus também se tornam alvo de perseguição diabólica. Vivem situações probantes, principalmente nestes últimos dias da história. Portanto, o relato da vida de Jó expressa o drama de tribulações que vivem muitas famílias cristãs. Dessa forma, o diabo tenta destruir o plano de alegria e felicidade que Deus idealizou para a família.

FATORES IMPRESCINDÍVEIS

Em meio a esse drama de sofrimento e angústia, Deus tem providenciado as ferramentas e, acima de tudo, o Seu poder para nos amparar, animar e erguer nossa fé em Seu amor, misericórdia, perdão e Seu plano de restauração para a família.

Vida devocional. Ellen G. White escreveu: “No lar em que a religião é coisa prática, grande bem é realizado. A religião levará os pais a fazer exatamente a obra que Deus lhes designou fizessem no lar. Os filhos serão criados no temor e admoestação do Senhor” (*O Lar Adventista*, p. 318).

Lamentavelmente, em muitos lares cristãos o altar do Senhor está em ru-

ínas. Satanás tem lançado seus ataques às famílias, principalmente levando-as a negligenciar a leitura devocional da Bíblia. Cada membro da família necessita diariamente dessa leitura. Em meio a esse conflito, a Bíblia é a espada do Espírito (Ef 6:17), e devemos usá-la contra os enganos empregados pelo inimigo para destruir a fé.

A vida devocional da família envolve, além da leitura da Bíblia, momentos de oração individual, mas também coletiva. É necessário cuidar para que a oração na família não seja uma mera rotina, mas que se torne um hábito consciente de adoração a Deus (Mt 6:5-13). Um item fundamental na oração em família é a súplica pelo batismo diário do Espírito Santo. Ele conduzirá a família nesse mundo de pecados, enganos e sofismas. O Espírito Santo é quem nos revela a verdade de Deus e também Seus desígnios para a vida familiar (Jo 16:5-11). Diariamente ocorrem situações na família que, para serem resolvidas, requerem amor, sabedoria, tato e firmeza. O estudo devocional da Palavra e a oração em família são imprescindíveis nesses momentos.

Confiança em Deus. A história bíblica relata incidentes de servos de Deus que vivenciaram situações muito difíceis e que em tais circunstâncias se mantiveram confiantes em Deus. Foi assim que Moisés avançou sobre o mar vermelho (Êx 14:13, 14, 21), Abraão se dispôs a oferecer seu filho Isaque (Gn 22:1-12; Hb 11:17-19), Daniel enfrentou a cova dos leões (Dn 6:10, 21, 22), os três jovens hebreus enfrentaram a fornalha ardente (Dn 3:16-18).

A família deve fazer de Cristo o Supremo pastor (Sl 23) em todos os momentos. Confiar que tudo está sob Seu controle, e assim resistir às investidas de Satanás (Tg 4:7).

Sem dúvida, a família enfrenta muitas dificuldades em seu dia a dia: questões fi-

nanceiras, conflitos no relacionamento entre seus membros, enfermidades, luto e outras. Nessas circunstâncias, deve-se confiar em Deus e em Sua providência, apesar dos problemas difíceis que esteja enfrentando. O apóstolo Paulo nos ensina esta poderosa arma na luta contra o mal, quando ele também enfrentou terríveis agruras em seu ministério (Fp 4:10-14).

Atitudes de gratidão. A gratidão nos estimula a avançar em meio às tribulações. Ela dissipa a névoa da tristeza e do desânimo em meio às pelejas da vida (1Ts 5:18). Ellen G. White afirma: “Podem sobreviver aflições, mas isso é a sorte da humanidade. Que a paciência, a gratidão e o amor mantenham no coração a luz solar, embora o dia seja sempre nublado” (*O Lar Adventista*, p. 17, 18).

CONCLUSÃO

Neste mundo, o drama da família permanece enquanto durar o grande conflito. No entanto, a história mundial dá sinais de que estamos nos aproximando do fim desse conflito milenar. Muito em breve, Deus completará Seu plano de restauração das famílias. E Seu propósito original, finalmente será cumprido.

As seguintes palavras de Ellen G. White nos dão esse vislumbre: “O grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem. O Universo inteiro está purificado. Uma única palpação de harmonioso júbilo vibra por toda vasta criação. Daquele que tudo criou emana vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até o maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo declaram que Deus é

Alacy Barbosa

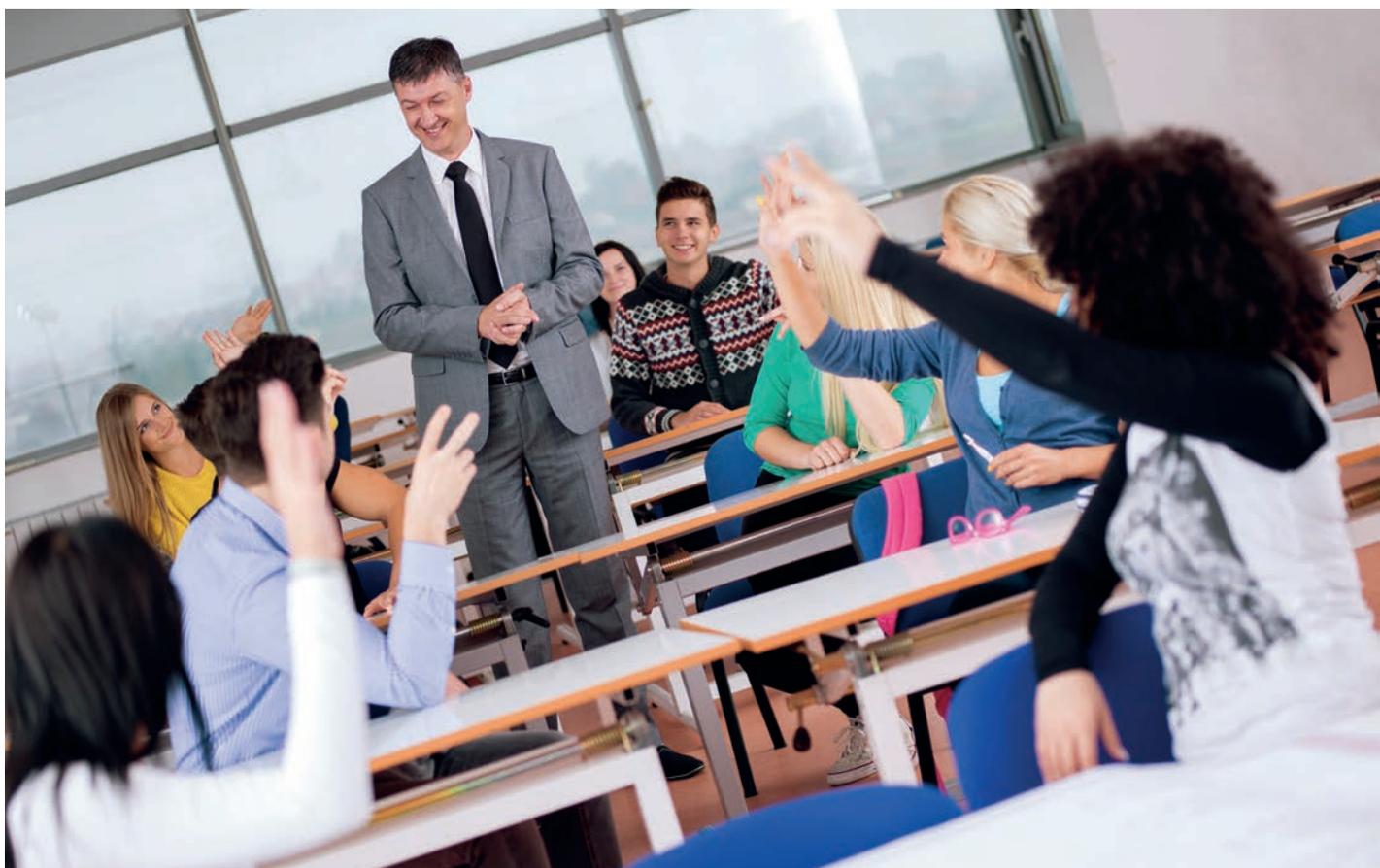
Diretor do Ministério de Lar e Família da Divisão Sul-Americana



Gentileza DSA

Mentores das novas gerações

*Em qualquer tempo e lugar, os jovens sempre
buscarão uma referência*



© Shock | Fotolia

Nasci em um lar adventista. Na verdade, represento a sexta geração de adventistas da minha família. Por causa desse histórico e por ser líder da igreja, penso, com frequência, no adventismo moderno. Quando faço isso, inevitavelmente recorro às histórias que ouvia de meus antepassados e às experiências que vivi na igreja como criança, adolescente e jovem. Neste “filme”, que passa em minha mente, está a lembrança do forte impacto que meus líderes – pastores, anciãos e

membros adultos – causaram em meu desenvolvimento pessoal e cristão.

A influência deles foi significativa e dificilmente se apagará. Como posso esquecer aqueles que ajudaram, num domingo à tarde, na limpeza e pintura do salão de jovens? Ou daqueles que todos os sábados à noite jogavam vôlei ou tênis de mesa com a gente? Como não reconhecer aqueles que ofereciam uma palavra amiga no momento certo e o abraço apertado que me faziam sentir único e

especial? Como não agradecer aos pastores e anciãos que caminharam com o Clube de Desbravadores, estiveram sempre presentes nos acampamentos ou visitaram minha casa em momentos difíceis?

Por outro lado, sendo bem sincero, devo dizer que de todos os sermões que ouvi nessa fase, lembro-me apenas de um: aquele em que um ancião me pediu que lhe ajudasse com a ilustração da mensagem. Mas também me lembro do apoio, das risadas e dos conselhos da li-

derança. Sentia que os líderes confiavam em nós, jovens, e que sempre havia alguém para lembrar à comissão da igreja sobre nossa importância.

Por que compartilho essas impressões com você? Para mencionar o fato de que ainda que cada geração tenha suas características, os jovens de qualquer tempo e lugar têm necessidades semelhantes. Por isso, a igreja precisa cuidar dos mais novos. Fazendo assim, ela se torna uma comunidade engajada na salvação das novas gerações.

PARE PARA OUVIR

Sem dúvida, há muito o que fazer pelo discipulado das novas gerações. E isso pode ser alcançado com uma simples atitude: ouvir mais a quem desejamos mentorear. De modo geral, os adultos acham que sabem exatamente o que os jovens querem, pensam e qual é a visão deles sobre a vida e a igreja. Mas essa concepção está equivocada. Convido você, prezado ancião, que olha para o futuro da igreja e de sua juventude com grande preocupação: dedique mais tempo para ouvir as novas gerações e construir um diálogo saudável com os jovens.

Há poucos meses, tomamos esta iniciativa: convidamos jovens representantes de diferentes regiões do nosso continente para conversar abertamente sobre assuntos como a relevância da igreja e a relação entre os jovens e a liderança. Nos reunimos na sede da Divisão Sul-Americana, em Brasília, DF. A seguir, compartilho com você algumas impressões que esse grupo representativo de jovens apresentou:

- ❖ Os jovens consideram a igreja relevante na medida em que ela cuida deles. Isso significa interesse genuíno por eles e a formação de um ambiente de amizade. Na opinião deles, evangelização e batismo serão consequências desse processo relevante.
- ❖ Eles veem a igreja como uma instituição atualizada no uso da tecno-

logia, mas entendem que isso seja secundário. O que o jovem mais almeja é ser ouvido, ter espaço para diálogo e fazer parte de uma comunidade que funcione como uma rede de discipulado.

- ❖ Quanto à relação com a liderança, eles consideram que a influência de um pastor ou ancião seja proporcional ao nível de proximidade e amizade com seus liderados. A liderança precisa ser digna da confiança deles.
- ❖ Eles acreditam também que a igreja tenha a tendência de enfatizar o uso do método de Cristo na evangelização – que implica misturar-se, suprir necessidades e ganhar a confiança – mas se esquece disso ao lidar com os membros.
- ❖ Os jovens esperam que os membros adultos não limitem a criatividade nem subestimem a capacidade dos mais novos; que eles sejam autênticos e coerentes entre o discurso e a prática; e que considerem os jovens como aliados no processo de tornar a igreja mais acolhedora, unida e relevante para a comunidade.

TAREFA INDIVIDUAL

Diante do pronunciamento desses jovens, expressando seu pensamento, a criação de uma cultura de diálogo com essa juventude é imprescindível. Isto é saudável para eles, para nós como líderes e também para toda a igreja. E, à medida que esse diálogo vai amadurecendo, se torna necessário transformar essas reflexões em ações e decisões importantes em favor das novas gerações que devem ter seu espaço e que têm muito para oferecer à igreja. Como líderes, estamos diante de um desafio e oportunidade que certamente vão gerar crescimento para todos.

Lamentavelmente, no contexto adventista, ao redor do mundo, o índice de apostasia entre os jovens é alto, expres-

sando assim, uma triste realidade. Uma pesquisa global realizada pela igreja apontou que a causa principal de abandono da fé adventista é a falta de amigos que deem apoio na caminhada espiritual (41%). E as demais razões, pelo menos duas, mais indicadas para esse índice de apostasia, também têm que ver com relacionamentos. Para mim, esses dados indicam qual deve ser nossa ênfase no trabalho com os adolescentes e jovens.

No entanto, o discipulado das novas gerações não pode ser visto como uma tarefa meramente institucional. Sem dúvida, é um desafio coletivo da igreja. Mas vai além disso: é responsabilidade pessoal. O discipulado é artesanal e pessoal. Também não pode ser feito por atacado, nem por decreto, ou por documento. Esse processo envolve poucas pessoas. Tenho experimentado isso no discipulado de um jovem em particular. Fiz um compromisso com Deus de cuidar dele, amá-lo e compartilhar minhas experiências espirituais com ele. Desafio você, líder, a fazer o mesmo em sua esfera de influência.

Entendo que a marca indelével de um discípulo de Cristo seja o amor (ver Jo 13:35). E quando este dom de Deus se manifesta na vida de alguém, ele transborda para os outros. É por isso que o discipulado com as novas gerações será efetivo quando o amor pelas crianças, adolescentes e jovens for maior que nossos próprios interesses.

Assim como eu lembro com saudades e emoção da boa influência que tive em minha adolescência de líderes espirituais; no futuro, gostaria muito que um jovem pudesse olhar para trás e recordar a influência positiva que tive sobre ele. E você? ■

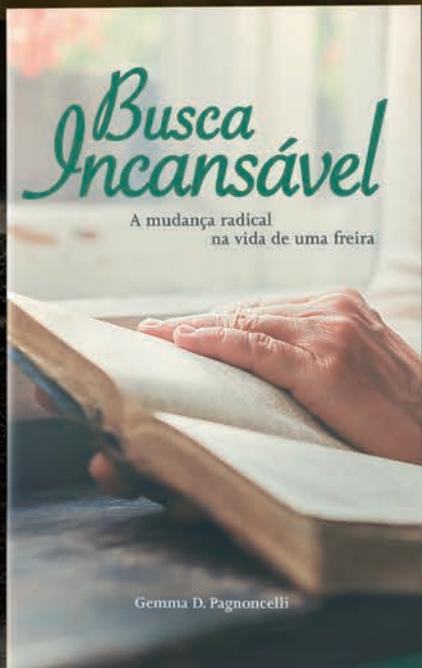
Carlos Campitelli

Diretor do Ministério
Jovem da Divisão
Sul-Americana



NUNCA DESISTA!

A VIDA É FEITA DE UMA
CONSTANTE SUBIDA



Dedicação de criança

A cerimônia de dedicação de crianças enfatiza a gratidão a Deus pelo milagre do nascimento. Maria e José dedicaram o menino Jesus no Templo de Jerusalém (Lc 2:22). Essa é uma prática estabelecida nas Escrituras e ao longo da história do cristianismo. Diferentemente das igrejas que praticam o batismo infantil, a dedicação de crianças segue o exemplo bíblico deixado por Jesus: “Deixai vir a Mim os pequeninos, não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus. [...] Então, tomando-as nos braços e impondo-lhes as mãos, as abençoava” (Mc 10:14, 16).



© Andy Dean Photography | Fotolia

As crianças podem ser dedicadas tão cedo quanto desejem os pais. A cerimônia ocorre com maior frequência entre recém-nascidos. Crianças além da idade de um ou dois anos raramente são dedicadas; entretanto, não há limite de idade fixado a esse respeito. O ato deve ser realizado por pastores ou anciãos ordenados.

ITENS IMPORTANTES

Local. Em algumas culturas, a dedicação pode acontecer em casa ou em outros ambientes. No entanto, o ideal seria realizá-la durante o serviço de adoração, no dia principal de culto. Ela deve ser realizada quando a maior representação possível da irmandade estiver presente, a fim de que a congregação também se comprometa em apoiar os pais no processo educacional da criança.

Planejamento. A cerimônia deve ser planejada e anunciada com antecedência, possibilitando aos pais e familiares tempo necessário para se prepararem para a ocasião. Geralmente, são os

pais que sugerem a data para sua realização. Alguns desejam logo após as primeiras semanas do nascimento do bebê, outros, um pouco mais tarde. Provavelmente, a família e os amigos que não são membros da congregação serão convidados. Eles devem receber uma saudação especial por parte do oficiante e da congregação.

Programa. Durante a liturgia, os pais são convidados a vir à frente, diante da congregação, com a criança a ser dedicada. Familiares poderão acompanhá-los, dependendo do espaço disponível e do número de crianças a ser dedicadas. O tempo da cerimônia não deve ser longo. Lembre-se de que ela é parte do culto, não o motivo especial dele. Também é preciso considerar que bebês e crianças são impacientes.

Dedicação. É recomendado que se faça a leitura e um breve comentário de um texto bíblico referente ao momento, como Deuteronômio 6:4-7; Salmo 127:3-5; Provérbios 22:6; Isaías 8:18; Mateus 18:2-6, 10; Mateus 19:13-15; Marcos 10:13-16; Lucas 2:22-38; Lucas 18:15-17. A apresentação da

Palavra de Deus servirá para enfatizar o compromisso dos pais em educar a criança “na disciplina e na admoestação do Senhor” (Ef 6:4).

A seguir, o pastor ou ancião que dirige a cerimônia, se for somente de uma criança, poderá segurá-la nos braços. Algumas crianças têm resistência a pessoas estranhas. Nesse caso, é melhor que os pais a segurem, enquanto o oficiante põe a mão sobre a cabeça dela e ora dedicando-a ao Senhor.

Quando houver várias crianças para serem dedicadas, pode-se convidar mais anciãos para auxiliar. Durante a oração, todos colocam a mão sobre a cabeça das crianças. A menção do nome da criança na oração acrescenta um toque pessoal que confere solenidade à cerimônia.

Certificado. O certificado de dedicação, preparado com antecedência, deve ser entregue aos pais após a oração. A diretora do Rol do Berço ou do Ministério da Criança pode ser convidada para entregá-lo. Cumprimentos aos pais e familiares também fazem parte desse momento.

Algumas igrejas têm o costume de presentear a criança com a Bíblia do Bebê (CPB) ou com a Bíblia da Criança (CPB). Nesse caso, o pastor imprime na primeira página da Bíblia o pezinho da criança, depois de tingir a sola em uma almofada para carimbo. ■

Márcio Nastrini

Editor na Casa
Publicadora Brasileira



William de Moraes

Alcançando as famílias

Em Seu plano evangelístico, a linguagem de Deus é global

A promessa feita a Abraão: “Em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12:3), envolveria todas as nações não só de sua época, mas também as nações do mundo moderno. Foi por meio do “sacerdote do Deus Altíssimo” (Gn 14:18) que Abraão recebeu a bênção após retornar de uma guerra em que resgatou seus parentes: Ló e sua família, e todos os seus bens. A família de Abraão foi uma bênção para a família de Ló (Gn 14).

A BÊNÇÃO DIVINA

Deus abençoa primeiro. Melquisedeque, sacerdote de Deus, “abençoou Abrão, e disse: Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo” (Gn 14:19). A teologia adventista crê que primeiro Deus abençoa e em resposta a Ele, somos fiéis. A “teologia da prosperidade”, por meio do pensamento positivo, e com a pretensão de determinar a bênção de Deus, ensina que, em troca, recebemos de Deus garantia de prosperidade material. Abraão foi abençoado primeiro e reconheceu que a bênção vinha do seu Criador, que é o dono de todas as coisas.

Deus é dono de tudo. O senso de propriedade divina era algo bem claro para Abraão. O sacerdote Melquisedeque lhe afirmou: “Deus Altíssimo, que possui os céus e a terra” (Gn 14:19). Deus como criador e, portanto, proprietário de todas as coisas abrange: o mundo e as pessoas (Sl 24:1, 2); os animais e as aves (Sl 50:10, 11); céus e Universo (Sl 89:11). Isto está ligado à consciência da existência de Deus. A primeira afirmação da Bíblia expõe a realidade da existência de Deus e Seu ato criador (Gn 1:1). Em sua arrogância, o homem, em razão de seus projetos, se posta como o dono do universo ao seu redor. Atribui a si mesmo a existência de um mundo cada vez mais avançado no conhecimento e tecnologias. Nesse contexto, o homem inverte os papéis: assume o lugar do criador e delega ao Criador o papel de criatura. Por meio do profeta Isaías, Deus diz: “Eu sou Deus, e não há nenhum outro; eu sou Deus, e não há nenhum como Eu” (Is 46:9).

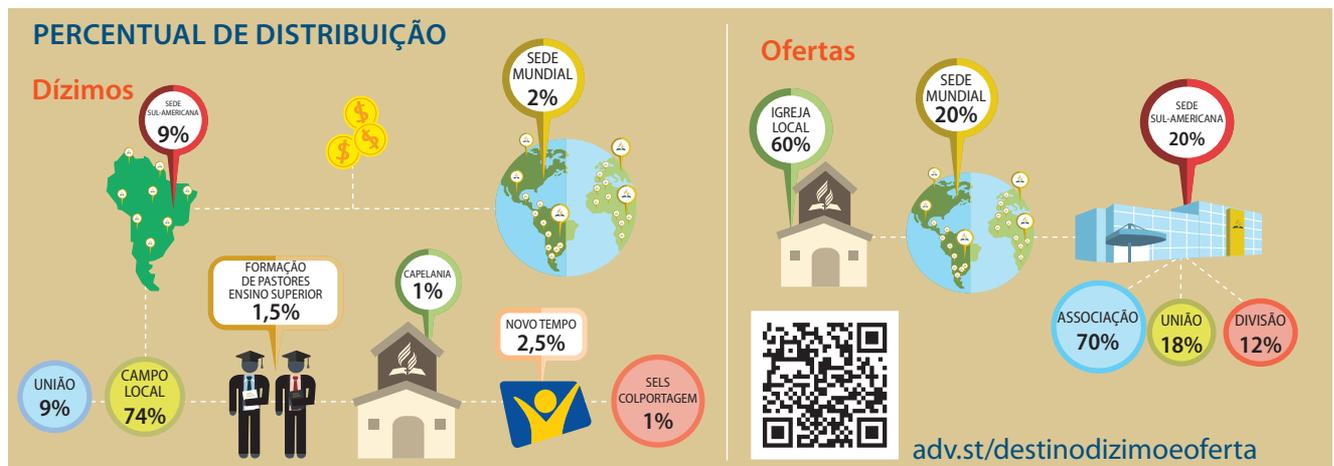
Plano da salvação. A Abraão, Melquisedeque disse: “E bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus adversários nas tuas mãos” (Gn 14:20).

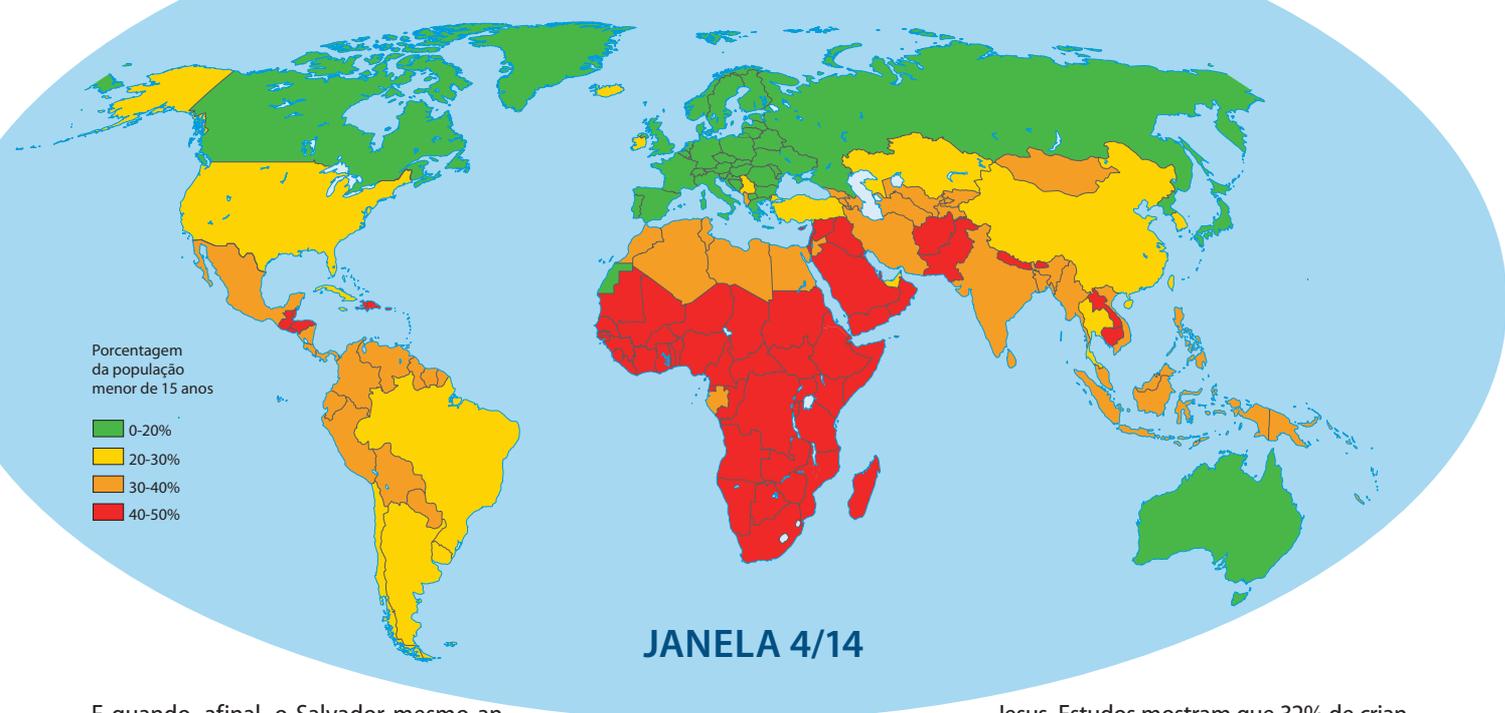
Isto aponta para a ação redentora de Deus. Fomos resgatados da maldição do pecado.

Fidelidade nos dízimos. “E de tudo lhe deu Abrão o dízimo” (Gn 14:20). A bênção ocorre no contexto de fidelidade. Não se trata de uma recompensa meritória, porque Deus é a fonte da bênção e, assim, abençoa os fiéis como resultado da compreensão de que Deus é o criador e o proprietário de todas as coisas. “Abraão era muito rico; possuía gado, prata e ouro” (Gn 13:2). E junto ao sacerdote Melquisedeque, ele demonstrou sua fidelidade a Deus ao entregar o dízimo.

A BÊNÇÃO E A MISSÃO

Ellen G. White escreveu: “A esperança de Israel foi incorporada na promessa feita quando do chamado a Abraão, e posteriormente repetida uma e outra vez a sua posteridade: ‘Em ti serão benditas todas as famílias da Terra’ (Gn 12:3). Ao ser revelado a Abraão o propósito de Deus quanto à redenção do homem, o Sol da Justiça brilhou em seu coração, e as trevas que nele havia foram dispersas.





JANELA 4/14

E quando, afinal, o Salvador mesmo andou entre os filhos dos homens e com eles falou, deu testemunho aos judeus sobre a gloriosa esperança do patriarca, de livramento através da vinda de um Redentor. ‘Abraão, vosso pai, exultou por ver o Meu dia’, Cristo declarou, ‘e viu-o e alegrou-se’ (Jo 8:56)” (*Profetas e Reis*, p. 683).

Abençoados para abençoar. Em nossos dias, os membros da igreja também são chamados para que, por meio de cada um deles, as pessoas de várias etnias sejam alcançadas pelas bênçãos que Deus prometeu. Isso ocorre pela fidelidade de cada membro nos dízimos e nas ofertas. Por esse meio, e com os dons espirituais de cada membro, a igreja espalha o amor de Deus em todo o mundo, alcançando as pessoas que estão próximas e distantes. Presente em 217, dos 236 países reconhecidos pela ONU, a igreja adventista busca cumprir a missão evangelística com o objetivo de “abençoar todas as famílias da Terra”.

Por exemplo, a Divisão Sul-Americana, por meio da fidelidade de seus membros nesse aspecto, mantém 25 famílias que compartilham o amor de Deus em uma das áreas do planeta mais desafiadoras para o evangelho: a Janela 10/40. Mas a promessa feita a Abraão foi que por meio dele todas as famílias da Terra seriam abençoadas.

Famílias abençoando outras famílias. Um fator importante é a conscientização por parte das famílias de que há uma missão evangelística a ser cumprida. Dados muito interessantes da geografia de algumas Uniões na Divisão Sul-Americana indicam os meios pelos quais muitas pessoas têm sido convertidas e consequentemente batizadas. Segundo eles, cerca de 31,2% dessas pessoas são alcançadas diretamente por meio de atividades missionárias de famílias da igreja; 18% se enquadram no contato direto com adventistas de forma geral; 16,6% são atribuídos às classes bíblicas; 11,2% aos estudos bíblicos pessoais e 10,2% ao evangelismo. O percentual maior focaliza o trabalho das famílias. Quando estas abençoam outras famílias com oração, apoio, visitação, compartilhamento do amor transformador de Deus e discipulado, o resultado é o fortalecimento espiritual delas mesmas e de toda a igreja.

Famílias abençoando as novas gerações. A Janela 4/14 é composta de crianças a partir dos quatro anos e adolescentes de 14 anos que estão presentes em todo o mundo (veja na imagem Janela 4/14 o percentual por região). A importância deles está relacionada à responsabilidade, em primeiro lugar, de suas famílias em torná-los discípulos. Eles se encontram em uma fase da vida com maior probabilidade de aceitar

Jesus. Estudos mostram que 32% de crianças e adolescentes entre 5 e 12 anos são mais receptivos à aceitação de Jesus; 4% adolescentes de 13-18 anos; 6% jovens de 19 anos em diante. Cristo disse: “E quem receber uma criança, tal como esta, em Meu nome, a Mim me recebe. Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que creem em Mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundidade do mar” (Mt 18:5, 6).

Deus, em Seu amor e misericórdia, cumpriu a promessa de abençoar todas as famílias da Terra por meio de Cristo. Os resultados desse cumprimento estão nas mãos dos que foram abençoados. “Não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que meus filhos andam na verdade” (3Jo 4). Essa verdade, sendo vivenciada em cada família, será o maior testemunho para as novas gerações.

Hoje, como foi também nos dias de Abraão, Deus chama você a fim de trabalhar pelas famílias. Aceite o convite divino, pois a promessa também é extensiva a nós: “Em ti serão benditas todas as famílias da Terra” (Gn 12:3). ■

Herbert Boger

Diretor do Ministério de Mordomia Cristã da Divisão Sul-Americana



gentileza DSA

O cultivo da voz e a dicção do pregador

Comunicar-se não é simplesmente dizer o que você quer

Sua maneira de pronunciar as palavras é fundamental. Principalmente porque o modo de falar afeta a compreensão do conteúdo da sua mensagem. De que adianta um sermão bem preparado, com conteúdo bíblico e cristocêntrico, com boas ilustrações, mas pregado com fala truncada, palavras ininteligíveis, sotaque carregado, voz muito baixa, monótona, ou outros problemas de dicção ou enunciação? Portanto, além de ter o sermão devidamente preparado, o pregador deve ter condições de pregar (falar) com clareza, ênfase e entusiasmo, para que as pessoas prestem

atenção, entendam, se emocionem e assimilem a mensagem.

É verdade que cada pessoa adulta tem sua maneira de falar (estilo linguístico), mas sempre é possível aprender algo mais, melhorar, principalmente se o seu objetivo maior for honrar a Deus sendo um eficiente pregador. Um bom início para esse processo é começar aperfeiçoando sua dicção. A meta é falar de modo a ser entendido, com perfeita pronúncia das palavras, de forma agradá-

vel e com ritmo apropriado, com altura de voz e ressonância adequadas. Ter boa dicção é ler pelo menos uma página de livro ou revista, de forma clara, sem tropeços e com musicalidade na voz.

ELLEN WHITE E A DICÇÃO

O fato de a serva do Senhor ter escrito dezenas de páginas com instruções detalhadas sobre como os pregadores devem aperfeiçoar sua dicção e pronúncia indica que esse assunto não é de pou-

ca importância. O exame de alguns parágrafos também mostra que os métodos e cuidados, por ela sugeridos, correspondem às melhores práticas ainda hoje indicadas pelos mestres da foniatria e da oratória. Eis alguns exemplos:

“A habilidade de falar com simplicidade e clareza, em acentos sonoros, é imprescindível em qualquer ramo da obra” (*Obreiros Evangélicos*, p. 86).

“Homem algum deverá julgar-se habilitado a entrar para o ministério enquanto



© Peggy Blume e Pathdoc | Fotolia

não houver, mediante perseverantes esforços, corrigido todos os defeitos de sua enunciação. Se ele tentar falar ao povo sem conhecer a maneira de usar o talento da palavra, metade de sua influência ficará perdida, pois pequena será sua capacidade de prender a atenção de um auditório" (*Obreiros Evangélicos*, p. 87).

"Alguns de nossos mais talentosos oradores estão causando grande dano a si mesmos por sua maneira defeituosa de falar. [...] Os pregadores devem se manter eretos, falar devagar, com firmeza e distintamente, inspirando profundamente o ar a cada sentença, e emitindo as palavras com o auxílio dos músculos abdominais. Se observarem essa regra simples, atendendo às leis da saúde em outros aspectos, poderão conservar a vida e a utilidade por muito mais tempo que o podem fazer os homens em qualquer outra profissão. O peito se tornará mais amplo e [...] o orador raramente ficará rouco, mesmo falando continuamente" (*Obreiros Evangélicos*, p. 90).

DEZ SUGESTÕES DOS TÉCNICOS

1. Fale para fora. É importante ser ouvido quando se fala, então aumente o volume da sua voz. Se você tende a sussurrar, murmura ou fala com a cabeça para baixo, é possível que você seja ignorado. No entanto, isso não quer dizer que você precise gritar. Na verdade você deve variar a altura da sua voz dependendo da situação.

2. Vá devagar. Falar rápido demais é um hábito ruim, porque dificulta o acompanhamento ou até mesmo o entendimento pelos ouvintes. Isso facilita para que as pessoas parem de prestar atenção e de ouvir. Portanto, é importante desacelerar sua fala enunciando bem as palavras e fazendo pausas entre as frases. Isso ajuda a enfatizar o que está falando e você tem a oportunidade de recuperar o fôlego. Só não fale lento demais, pois fica monótono.

3. Fale claramente. Esse é o aspecto mais importante no desenvolvimento de uma boa voz. Certifique-se de abrir a boca, relaxar os lábios e manter sua língua e dentes na posição correta enquanto fala. Se você se esforçar para pronunciar as palavras corretamente, logo vai ficar natural para você. Algumas palavras que quase todos falam errado são: "tô" em vez de "estou," "pra" em vez de "para" ou "fazeno" em vez de "fazendo".

4. Pratique a respiração profunda. É essencial para uma voz clara e alta. A maioria das pessoas respira de modo muito rápido e curto quando falam, o que resulta em tom mais agudo e nasal. Sua respiração deve vir do diafragma, não do peito. Se você estiver respirando corretamente, ao colocar a mão no abdômen, logo abaixo da última costela deve sentir seu estômago se expandir e ver seus ombros subirem e descerem enquanto respira. Outro detalhe: Tente respirar ao fim de cada frase. Isso é perfeitamente possível com o método de respiração profunda; e também vai dar aos ouvintes uma chance de absorver o que está dizendo.

5. Varie seu tom. Falar com um tom alto dá a impressão de ansiedade. Um tom mais baixo é mais calmo e persuasivo.

6. Faça exercícios vocais. Pode ser um bom modo de desenvolver sua voz natural. Por exemplo: Tente relaxar a boca e as cordas vocais. Pode fazer isso bocejando com a boca bem aberta, movendo o queixo para os lados, cantarolando ou massageando gentilmente os músculos da garganta com os dedos.

7. Pratique ler em voz alta. Isso é bom para melhorar a pronúncia, o ritmo e o volume. Lembre-se de ficar em pé com a coluna reta, respirar profundamente e abrir bem a boca quando falar.

8. Grave sua voz (ou voz e imagem). A maioria das pessoas não gosta de ouvir o som da própria voz, mas é uma forma

de notar problemas que não seriam percebidos de outra maneira. Você pode fazer isso com seu celular!

9. Busque um técnico. Em casos mais extremos, procurar um técnico vocal ou fonoaudiólogo pode ser útil.

10. Fale com alegria. Acostume-se a falar com entusiasmo e emoção.

E QUANDO VOCÊ FOR PREGAR...

1. Tenha todo o cuidado com as palavras iniciais. Pronuncie-as compassada e distintamente. As palavras introdutórias devem variar em cada sermão, mas devem ser agradáveis ao ouvido e facilmente compreendidas.

2. Durante toda a pregação, procure obter variedade de tons. Como a voz e o sentimento tendem a aumentar ao longo do sermão, o melhor é começar com tons mais baixos.

3. Tenha bastante cuidado com a articulação ou enunciação das palavras. Sons claros e distintos ajudam a congregação a ouvir com facilidade e prazer.

4. Para enunciar distintamente as palavras é preciso pensar claramente. E para isso, o conteúdo do sermão deve estar bem claro na mente do pregador e construído de forma lógica.

5. Faça pausas, especialmente quando deseja dar maior ênfase a palavras ou frases.

6. Saber formar frases é um grande passo para tornar clara e luminosa sua mensagem. Frases curtas, em ordem direta, palavras simples (bem conhecidas pelo pregador e por sua congregação), sem muitos adjetivos ou retórica; esse é o resumo do sucesso.— *Márcio Dias Guarda* (márcio.dg@uol.com.br). ■

Márcio Dias Guarda

Pastor jubilado.
Reside em Tatuí, SP



William de Moraes

A vidente de En-Dor

Um olhar mais profundo sobre a experiência de Saul em 1 Samuel 28

Os israelitas estavam em guerra novamente. Dessa vez, as tropas de Saul se preparavam para enfrentar os poderosos filisteus. O local da batalha era o vale de Jezreel, uma área estratégica para controlar as importantes rotas de comércio da região. O povo de Israel montou seu acampamento no monte Gilboa, a poucos quilômetros do exército filisteu, em Suném (1Sm 28:4). A cena intimidou Saul (v. 5) e, para piorar, Deus não respondia seus apelos por meio de sonhos, Urim ou dos profetas, modos legítimos de revelação nos tempos bíblicos (v.6). Por recomen-

dação de seus servos, o rei foi ao encontro de uma necromante na cidade de En-Dor (v. 7, 8), a moderna Khirbert es-Safsafa, aproximadamente sete quilômetros do monte Gilboa, e muito próximo do acampamento filisteu. Saul se disfarçou (v. 8) justamente para não correr o risco de ser identificado como líder dos israelitas. Ele estava entrando em terreno inimigo.

Esse é o pano de fundo da narrativa mais importante das Escrituras relacionada ao envolvimento de um israelita com a necromancia, a prática de buscar os mortos com o propósito de revelar o des-

conhecido ou prever o futuro.¹ Explicitamente condenada no Antigo Testamento (Lv 19:31, Dt 18:10-11 e Is 8:19), a necromancia é bem atestada no Antigo Oriente Médio, e os textos daquela região podem ajudar o leitor moderno a ter uma compreensão mais adequada do que ocorreu naquela noite em En-Dor.

A NECROMANTE

Em 1 Samuel 28:7, ela é chamada de 'ešet ba'alat' 'obh, uma expressão que geralmente é traduzida como "uma mulher que invoca espíritos" (NVI) e "uma



© Peter Sibutovs - stock.adobe.com | Fotolia

mulher que seja médium” (ARA). A personagem era uma intermediária entre os vivos e os mortos; não uma bruxa, como é costumeiramente apresentada, mas uma necromante. No entanto, a descrição do versículo 7 pode ser também traduzida como “uma mulher [que serve] a senhora dos espíritos ‘obh’”. Essa “senhora” provavelmente seja Shapshu, uma deusa solar do panteão da cidade de Ugarite, atual Ras Shamra, na Síria.² Os textos de Ugarite são de extrema importância para entender a religião cananita no período bíblico. Nelas, Shapshu é descrita em textos mito-

lógicos e religiosos como alguém capaz de trazer o espírito dos mortos do submundo para o mundo dos vivos durante a noite. É possível que essa deusa fosse um tipo de “padroeira” da necromante de En-Dor. Isso também poderia explicar o motivo do rei e de seus servos terem ido consultá-la à noite (v. 8, 20, 25). Invocar os mortos durante a noite também era uma prática confirmada por textos de Ugarite e dos hititas, uma importante civilização que governou parte do Antigo Oriente Médio durante o segundo milênio a.C.

O fato de Saul ter evitado alimentos durante o dia (v. 20) parece indicar um certo requisito para aquele ritual de necromancia. O objetivo? Assegurar a liderança “divina” para a ocasião. Um exemplo da importância do jejum no contexto de consulta a uma divindade no Antigo Oriente pode ser visto em 2 Crônicas 20, em que o rei Josafá reúne toda a nação e proclama um jejum nacional com o objetivo de buscar ao Senhor (v. 3, 4). Os termos hebraicos utilizados nesses versos para essa “busca” a Yahweh, baqash e darash (v. 3, 4) são os mesmos usados em 1 Samuel 28:7. Portanto, parece não ter sido mera coincidência o jejum de Saul nessa situação.

O RITUAL

A terminologia usada no diálogo entre o monarca israelita e a necromante apresenta muitas pistas que explicam as crenças dessa mulher. A palavra “espírito” no versículo 8 é o termo hebraico ‘obh, que provavelmente é emprestado da língua hitita (api) e que também é encontrado em documentos sumerianos, acadianos e ugaríticos. Seu significado básico nessas línguas é “fossa/poço para sacrifício”.³ Existem alguns exemplos em textos encontrados nas terras bíblicas em que fossas ou poços eram usados para rituais de necromancia. O exemplo mais antigo é o conto “Gilgamesh, Enkidu e o Submundo”, produzido na cidade de Nippur, no sul da Mesopotâmia, atual Iraque.

Nessa história, o amigo de Gilgamesh, Enkidu, volta do mundo dos mortos através de um buraco cavado no chão.⁴

Alguns textos hititas também descrevem rituais de necromancia nos quais se utilizam poços no chão. Nesses relatos, uma “mulher velha”, em hitita haššawa, realiza uma cerimônia noturna na presença de vários religiosos, incluindo exorcistas, sacerdotes e médicos. Nos poços, também chamados de “fossas para sacrifício”, era colocado sangue de vários animais, entre eles porco, cachorro, aves e cordeiro. Além do sangue, uma mistura de azeite, mel, queijo, leite, vinho e cerveja era oferecida como libação às divindades do submundo. Todos esses elementos eram despejados dentro da fossa. Curiosamente, outros dois objetos eram colocados ali: uma orelha de prata, símbolo do desejo dos adoradores de ouvir a mensagem do submundo, e uma pequena escada de prata, simbolizando a vontade dos adoradores de que o espírito requerido saísse do poço.⁵ O último exemplo vem de Ugarite, onde no conto de Aqhat (2Aqht I, linhas 26-29), o “espírito de um poço” é mencionado.

Por causa dessas informações, creio que a primeira parte do versículo 8 deva ser lida “invoque para mim através de um poço/fossa de sacrifício”, ao invés de “invoque um espírito para mim”. A segunda parte do mesmo texto concorda com essa proposta quando diz “fazendo subir aquele cujo nome eu disser” (ARA). A presença do verbo hebraico ‘alah, “subir”, faz sentido se ‘obh for um poço/fossa de sacrifício, como descrito no parágrafo anterior.

A necromante descreveu seu transe no versículo 13 com as palavras: “vejo deuses que sobem da terra”. A Almeida Revista e Corrigida traduziu corretamente do original, ao contrário das outras traduções consultadas, que traduziram o sujeito da frase no singular: “um deus que sobe da terra”. Esse é um detalhe importante numa leitura atenta do texto. A mulher está vendo “deuses que sobem

da terra” (v. 13), plural, mas Saul quer saber “qual é a aparência dele” (v. 14), singular. Temendo por sua própria vida (v. 8-12), a mulher aproveitou o intenso desejo de Saul para falar com Samuel e disse o que ele gostaria de ouvir, “um ancião [...] envolto numa capa” (v. 14), uma descrição extremamente vaga.

O substantivo hebraico *'Elohim* (v. 13), Deus ou deuses, dependendo do contexto, também demonstra a familiaridade do autor bíblico com o pano de fundo religioso do Antigo Oriente. Nos textos da Mesopotâmia, por exemplo, a palavra “fantasma” é precedida pelo sinal utilizado para identificar divindades (dingir) e, às vezes, o substantivo “deuses” é usado para se referir aos “mortos”. Esse mesmo conceito era conhecido em Canaã, onde os mortos eram aparentemente adorados como deuses (cf. Nm 25:2; Sl 106:28).

Apesar de os textos religiosos dos vizinhos de Israel relatarem em detalhes o processo de invocação de um espírito, na descrição de 1 Samuel 28 não há encantamentos ou feitiços recitados pela mulher durante o ritual, provavelmente devido à natureza pagã deles. O único vislumbre disso no relato bíblico é o uso do verbo hebraico *qara'*, “chamar”, usado para descrever a invocação de Samuel (v. 15). Essa é a mesma raiz verbal usada em textosugaríticos para detalhar a invocação dos mortos.

No fim da cerimônia, a mulher sacrificou (*zabah*) um bezerro e pediu que Saul o comesse (v. 24). Em textosugaríticos e hititas, sacrifícios eram feitos antes da manifestação de um espírito, a fim de convidá-lo para a reunião necromântica. Aqui o sacrifício foi feito no fim do ritual. Qual o motivo? Um texto acadiano da cidade de Nínive (K 2779) tem instruções de como fazer sacrifícios após um ritual de consulta aos mortos. Eles deveriam ser feitos ao deus do submundo na Mesopotâmia, Shamash, e para o morto consultado, a fim de proteger o ofertante de consequências

mortais após o contato com aquele espírito.⁶ Contudo, para Saul, a “função protetora” do sacrifício em En-Dor foi ineficaz. No dia seguinte, quando a batalha contra os filisteus estava chegando a um fim trágico para Israel, ele cometeu suicídio, e três de seus filhos foram mortos no monte Gilboa, no vale de Jezreel (1Sm 31:2-6). O rei não foi protegido das consequências mortais para aqueles que decidem consultar médiuns e feiticeiros e não Yahweh (cf. Is 8:19).

As evidências apresentadas acima sugerem que o autor de 1 Samuel estava familiarizado com a terminologia e os procedimentos usados nos rituais de necromancia do Antigo Oriente. No entanto, uma pergunta deve ser respondida: Samuel realmente foi trazido do mundo dos mortos pela necromante? A resposta é um enfático não. É muito claro no versículo 6 que Deus não estava se comunicando com Saul. O que aconteceu em En-Dor não teve a aprovação divina. Além disso, a Bíblia ensina que a morte é um período de total inconsciência (Ec 9:5, 6, 10). Um detalhe importante da história em discussão é que o rei não viu o suposto espírito de Samuel, apenas a necromante o viu (v. 13, 14). Como dissemos, a descrição da mulher foi muito vaga: um ancião vestindo um manto (v. 14). Essas características levaram Saul a reconhecer (*yada*) que “Samuel” havia sido trazido de volta (v. 14). Não houve identificação visual, apenas um diálogo entre os dois.

CONCLUSÃO

Pode causar desconforto ao leitor da Bíblia o fato de o texto claramente dizer “Samuel” ao referir-se a esse espírito. Entretanto, é importante lembrar que as histórias bíblicas são narradas muitas vezes do ponto de vista dos personagens envolvidos. Para a necromante, e especialmente para Saul, aquela entidade era o falecido profeta Samuel. Contudo, à luz de outras porções das Escrituras, sabemos que isso não é possível. Ao contrário da crença dos povos

vizinhos de Israel, que faziam diferenciação entre alma e corpo, o ensino bíblico é muito simples: não há separação entre esses dois elementos. As 754 ocorrências da palavra hebraica *nepshesh*, traduzida como “alma” em algumas passagens do Antigo Testamento, nunca carregam o significado de uma entidade separada do corpo, capaz de viver quando este não mais existe.⁷ Se o profeta Samuel não foi trazido da morte por esse ritual de necromancia, a melhor explicação para o que ocorreu em En-Dor é chamar aquele incidente de uma manifestação demoníaca para ludibriar Saul. Se o monarca israelita foi até a necromante em busca de orientação divina, o que ele encontrou foi mais desespero diante do exército filisteu. O rei de Israel saiu do pequeno vilarejo de En-Dor sem esperança nenhuma. Se Satanás pode se disfarçar como anjo de luz (2Co 11:14), um de seus demônios poderia fazer o mesmo, fingindo ser o profeta Samuel. ■

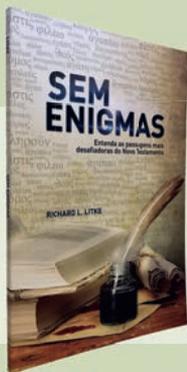
Referências

- ¹ Erika Bourguignon, “Necromancy”, em *The Encyclopedia of Religion*, ed. M. Eliade (Nova York: Macmillan, 1987), 10:345-347; Brian B. Schmidt, *Israel's Beneficent Dead: Ancestor Cult and Necromancy in Ancient Israel Religion and Tradition* (Winona Lake: Eisenbrauns, 1994), p. 154.
- ² Esther J. Hamori, *Women's Divination in Biblical Literature: Prophecy, Necromancy and Other Arts of Knowledge* (New Haven, CT: Yale University Press, 2015), p. 106; David T. Tsumura, *The First Book of Samuel* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2007), p. 631.
- ³ Harry A. Hoffner, “Second Millennium Antecedents to the Hebrew ‘Ob’”, *Journal of Biblical Literature*, v. 86, n. 4 (1967), p. 385-393.
- ⁴ Benjamin Foster, *The Epic of Gilgamesh* (Nova York: W. W. Norton and Company, 2001), p. 138.
- ⁵ Billie Jean Collins, “Necromancy, Fertility and the Dark Earth: The Use of Ritual Pits in Hittite Cult”, em *Magic and Ritual in the Ancient World*, eds. Paul Mirecki e Marvin Meyer (Leiden: Brill, 2002), p. 224-242.
- ⁶ Benjamin R. Foster, *Before the Muses: An Anthology of Akkadian Literature* (Bethesda, MD: CDL Press, 1996), 2:637-638.
- ⁷ William Dyrness, *Themes in Old Testament Theology* (Downers Grove: InterVarsity, 1979), p. 85: “Seremos humanos vivemos como almas, eles não ‘possuem’ almas.” Ellis R. Brotzman, *The Plurality of ‘Soul’ in the Old Testament with Special Attention Given to the Use of Nepesh* (tese de doutorado, New York University, 1987), p. 222: “A ênfase do texto [Gn 2:7] é sobre o homem como um *nepshesh*, uma criatura, uma unidade. A ideia desse texto, e do Antigo Testamento inteiro, é completamente oposta à noção grega da ‘alma aprisionada’ no corpo, e à ideia expressa em algumas divisões do pensamento protestante, que ensinam que o caminho para justiça é encontrado ao subjugar o corpo e exaltar ‘a parte mais elevada do homem’. O termo *nepshesh* descreve o ser humano como um todo.”

Luiz Gustavo Assis

Mestre em Arqueologia do Antigo Oriente Médio pela Trinity Evangelical Divinity School, Estados Unidos





Sem Enigmas – Casa Publicadora Brasileira, 2014, 118 p.

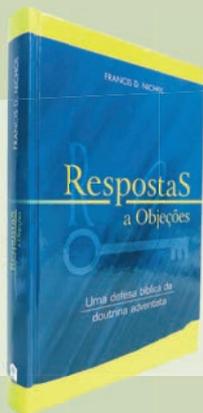
Sobre o autor

Richard L. Litke é doutor em línguas bíblicas. Estudou nas Universidades da Califórnia, de Michigan, de Chicago e de Yale. É professor na Universidade de Walla Walla, Estados Unidos.

Interpretando o texto bíblico

Ao doutor da Lei, Cristo perguntou: “Que está escrito na Lei? Como interpretas?” (Lc 10:26). O texto bíblico requer interpretação adequada. Nesse livro, Richard L. Litke procura explicar passagens desafiadoras do Novo Testamento. Por exemplo, como explicar Mateus 5:48? Em que sentido o cristão é perfeito? A alma pode morrer? Como entender o significado de alma? E sobre predestinação? Estas e outras questões são esclarecidas pelo autor.

Como ancião, você está sempre pregando ou estudando a Bíblia com alguém, ou até mesmo sendo interrogado por algum membro de sua igreja a respeito de algum desses textos bíblicos. Este livro é uma ferramenta extremamente útil em suas atividades como líder espiritual.



Respostas a Objeções – Casa Publicadora Brasileira, 2004, 399 p.

Sobre o autor

Francis D. Nichol, até hoje, é considerado um dos mais talentosos autores adventistas nos Estados Unidos. Ele foi o editor do Seventh-day Adventist Bible Commentary (essa obra já foi traduzida pela Casa Publicadora Brasileira para o português: *Série Logos*, em nove volumes).

Defendendo a doutrina adventista

Este livro, um clássico da literatura adventista, traz uma defesa equilibrada das doutrinas adventistas distintas. Responde a 109 objeções levantadas ao longo de anos, envolvendo temas como a lei, o sábado e o santuário, e mostra a verdadeira perspectiva bíblica. Os argumentos, em tom não polêmico, são convincentes. Com esta obra, você terá um ótimo subsídio para explicar as razões da sua fé.

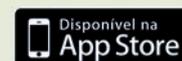


Elder's Digest

É um aplicativo inovador disponibilizado pela Secretaria Ministerial da Associação Geral como recurso para anciãos e líderes de igreja. Sua finalidade é auxiliar no exercício eficaz das atividades da igreja.

Disponível em:

- ❖ Inglês
- ❖ Português
- ❖ Espanhol
- ❖ Francês



2017

Programa da Igreja

COMUNICAÇÃO
DIVISÃO SUL-AMERICANA

OUTUBRO

21 Dia do Pastor e das Vocações Ministeriais

NOVEMBRO

18 Evangelismo Público de Colheita

25 Evangelismo Público de Colheita

DEZEMBRO

16 Programa “Mutirão de Natal”



multiplique
esperança

